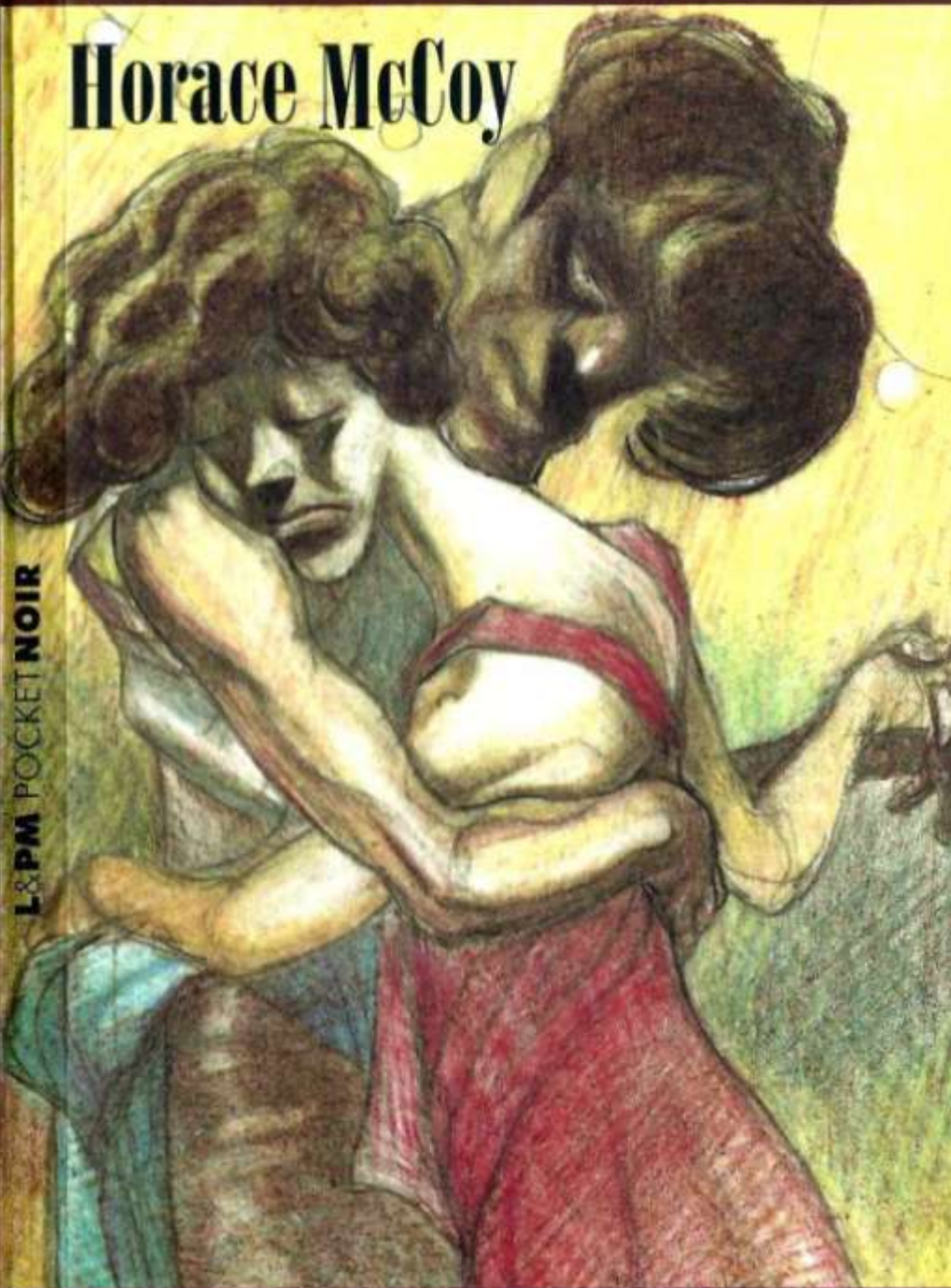


Mas não se matam cavalos?

Horace McCoy



L&PM POCKET NOIR

“Sórdido, patético, absurdamente emocionante... Todo o choque e o efeito de uma explosão.” *The New Yorker*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

HORACE McCOY

MAS NÃO SE MATAM CAVALOS?

Tradução de Irene Hirsch

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

"Sórdido, patético, absurdamente emocionante... Todo o choque e o efeito de uma explosão"

The New Yorker

Texto da contra-capá

Uma pungente novela sobre o desespero

A depressão econômica da década de 1930 nos Estados Unidos fez as pessoas tomarem medidas drásticas para sobreviver. Popularizaram-se no país as maratonas de dança - competições públicas em que casais dançavam por dias a fio, desafiando os limites dos seus corpos diante de uma platéia animada, na tentativa de ser a última dupla remanescente. Em um período de fome e desespero, parecia uma maneira simples de ganhar um dinheirinho. Mas tais concursos escondiam uma agressividade e uma violência social usualmente não associadas aos salões de dança.

Em *Mas não se matam cavalos?* (1935), Horace McCoy (1897-1955) apresenta Robert Syverten e Gloria Beatty, duas pessoas sem perspectiva alguma, que decidem participar de uma maratona de dança achando que, assim, granjearão alguma oportunidade de trabalho em Hollywood. Quando de sua publicação, a novela foi considerada experimental devido à maneira como é utilizado o recurso de *flashback*. Em 1969, o filme foi adaptado para o cinema por Sydney Pollack, com Jane Fonda no papel de Gloria. Tanto o livro

quanto o filme chocaram o público ao mostrar o mundo como um lugar em que aqueles sem dinheiro ou *status* social lutam como podem pela sobrevivência - tendo à frente apenas a certeza da morte.

Um livro pungente, impossível de largar.

Horace McCoy

(1897-1955)

Horace McCoy nasceu em Pegram, a 14 de abril de 1897, no Tennessee, Estados Unidos, mas foi criado em Nashville. Aos dezesseis anos, deixou a escola e passou a trabalhar em diversas atividades, como mecânico, caixeiro-viajante e taxista. Durante a Primeira Guerra Mundial, McCoy serviu na França por aproximadamente dezoito meses. Participou de diversas missões nas linhas inimigas e também trabalhou como fotógrafo de reconhecimento. Em 1918, o piloto do avião onde McCoy se encontrava foi morto, e ele teve que aterrissar a aeronave sozinho. Devido ao ato de heroísmo, foi condecorado pelo governo francês, recebendo a Croix de Guerre.

Entre 1919 e 1930, McCoy exerceu a função de editor de esportes do *Dallas Journal*, no Texas, e ajudou a fundar o célebre Dallas Little Theatre. No final dos anos 1920, começou a publicar contos em revistas de mistério. Em dezembro de 1927, a revista *Black Mask* - da qual Dashiell Hammett era um dos donos - publicou *The Devil Man*.

Como alternativa para o desemprego durante a Depressão, McCoy se mudou para Los Angeles a fim de tentar a carreira de ator, mas não teve sucesso na empreitada. Encontrou trabalho em Santa Monica, numa competição de dança. Essa experiência serviu de material farto para sua primeira novela, *Mas não se matam cavalos? (They Shoot Horses, Dont They?)*, de 1935. Na França, após o lançamento do livro, McCoy foi comparado a Hemingway e Faulkner. Em 1969 a obra foi adaptada para o cinema por Sydney Pollack, com interpretação memorável de Jane Fonda no papel de Gloria Beatty.

Na década de 1930, McCoy lançou outras duas novelas: *O pão da mentira* (*No Pockets in a Shroud*), de 1937, e *Eu podia ter ficado em casa* (*I Should Have Stayed Home*), de 1938, ambas também baseadas em suas experiências pessoais. Nessa época, McCoy já tinha uma boa reputação literária na França, mas ainda não obtivera reconhecimento em seu próprio país.

Em 1931, foi morar em Hollywood, onde viveu e trabalhou até o fim da vida. Escreveu mais de trinta roteiros para os grandes estúdios da época, desde *westerns* até dramas. A carreira literária seguiu com *Kiss Tomorrow Goodbye* (1948), um clássico da literatura *noir*, e *Scapel* (1952), que não teve o mesmo sucesso junto ao público.

McCoy morreu em Hollywood, em decorrência de um ataque cardíaco, no dia 15 de dezembro de 1955. Do autor, foi ainda publicado *Corruption City*, quatro anos após a sua morte.

Levante-se o réu.

...capítulo um

Fiquei de pé. Por um momento vi Glória de novo, sentada no banco no píer. A bala acabara de atingir a sua cabeça, de lado, o sangue ainda nem tinha começado a escorrer. O brilho do tiro ainda iluminava seu rosto. Tudo estava claro como o dia. Ela estava completamente relaxada, completamente à vontade. O impacto da bala tinha virado sua cabeça um pouco para o outro lado; eu não tinha uma visão perfeita de seu perfil, mas podia ver seu rosto e seus lábios o bastante para saber que ela sorria. O promotor se enganou quando disse ao júri que ela morreu em agonia, sem amigos, sem outra companhia a não ser a de seu cruel assassino, ali, naquela noite escura, à beira do oceano Pacífico. Ele estava completamente enganado. Ela não morreu em agonia. Estava relaxada, confortável e sorria. Foi a primeira vez que a vi sorrir. Como poderia estar em agonia? E não estava sem amigos.

Eu era o melhor amigo dela. Eu era o único amigo dela. Como é que ela não tinha amigos?

...existe algum motivo legal que impeça a
sentença de ser pronunciada?

...capítulo dois

O que eu podia dizer? Todas aquelas pessoas sabiam que eu a havia matado, e a única pessoa que poderia me ajudar estava morta. Então fiquei de pé ali, olhando para o juiz e abanando a cabeça. Eu não tinha nenhum apoio.

— Peça clemência ao júri — disse Epstein, o advogado designado para me defender.

— Como assim? — disse o juiz.

— Vossa Excelência — disse Epstein rogamos clemência a este tribunal. Este rapaz admite ter matado a moça, mas quis apenas fazer-lhe um favor pessoal...

O juiz bateu com força o martelo na mesa, olhando para mim.

Não havendo nenhum motivo legal que impeça a sentença de ser pronunciada agora...

...capítulo três

Foi engraçado o modo como conheci Glória. Ela também estava tentando trabalhar no cinema, mas só fui saber disso mais tarde. Certo dia, estava caminhando pela Melrose Avenue, saindo do estúdio da Paramount, quando ouvi alguém gritar, “Ei, ei!”. Olhei para trás e vi que ela corria em minha direção e acenava. Parei e acenei para ela. Ao chegar perto de mim, ela estava ofegante e agitada e percebi que eu não a conhecia.

— Maldito ônibus! — ela disse.

Olhei à minha volta e tinha um ônibus na metade da quadra, indo para a Western.

— Ah! — eu disse. — Pensei que estivesse acenando para mim...

— Por que eu iria acenar para você? — ela perguntou.

Eu ri.

— Não sei — eu disse. — Está indo na mesma direção que eu?

— É melhor eu andar até a Western— ela disse. E fomos andando em direção à Western.

Foi assim que tudo começou, e agora isso me parece muito esquisito. Não consigo entender nada. Pensei muito e não consigo entender. Não foi assassinato. Tentei fazer um favor a uma pessoa e acabei sendo condenado. Eles vão me matar. Sei direitinho o que o juiz vai dizer. Posso ver na cara

dele que vai ficar feliz em dizer isso e sinto que as pessoas atrás de mim vão ficar felizes de ouvir isso.

Vamos para aquela manhã em que conheci Glória. Não estava me sentindo muito bem; ainda estava um pouco enjoado, mas fui até a Paramount, pois von Sternberg estava fazendo um filme russo e achei que poderia arranjar um trabalho. Sempre perguntava a mim mesmo se haveria algo melhor do que trabalhar para von Sternberg, ou então para Mamoulian ou Boleslawsky, ser pago para vê-los dirigir, aprender tudo sobre composição, ritmo e enquadramentos... Então fui até a Paramount.

Como não consegui entrar, fiquei ali na frente até o meio-dia, quando um de seus assistentes saiu para almoçar. Cheguei perto dele e perguntei se tinha alguma chance de rolar alguma coisa.

— Nenhuma — ele disse, acrescentando que Von Sternberg era muito cuidadoso em relação às pessoas.

Achei aquilo uma coisa horrível de se dizer, mas sabia no que ele estava pensando, que minhas roupas não eram grande coisa.

— É um filme de época? — perguntei.

— Todos os nossos figurantes vêm por meio da Central — ele disse, indo embora...

Eu não estava indo a nenhum lugar em especial; estava apenas dirigindo meu Rolls-Royce, as pessoas me apontando como para um dos maiores diretores do mundo, quando ouvi Glória gritar. Entende como essas coisas acontecem?

Então descemos a Melrose Avenue a pé até a Western, nos apresentamos e quando chegamos à Western eu sabia que ela era Glória Beatty, uma figurante que também não estava se dando muito bem, e ela sabia alguma coisa sobre mim. Gostei muito dela.

Ela dividia um quartinho com outras pessoas perto de Beverly e eu morava a poucas quadras dali, de modo que a encontrei de novo à noite. Aquela primeira noite foi a causadora de tudo, mas, para ser sincero, nem mesmo agora me arrependo de ter ido visitá-la. Eu tinha sete dólares que ganhei servindo refrigerantes numa loja de conveniência (substituindo um amigo, que tinha engravidado uma moça e teve de levá-la para Santa Bárbara para fazer uma operação) e a convidei para ir ao cinema ou sentar no parque.

— Qual parque? — ela perguntou.

— Logo ali, bem pertinho — eu disse.

— Tudo bem — ela disse. — Já estou cheia de cinema. Tenho certeza de que sou melhor atriz do que a maioria daquelas mulheres... Vamos nos sentar ali e falar mal das pessoas...

Fiquei contente que ela quisesse ir ao parque. Era sempre muito gostoso lá. Um lugar bonito para se ficar sentado. Bem pequeno, ocupando apenas um quarteirão, mas era bem escuro, silencioso e cheio de arbustos espessos. Ao redor erguiam-se palmeiras de quinze, vinte metros de altura com moitas por cima. Depois de entrar no parque, tinha-se a ilusão de segurança. Muitas vezes imaginei que elas eram sentinelas usando capacetes grotescos: minhas sentinelas particulares tomando conta da minha ilha particular...

O parque era um lugar bonito para ficar sentado. Através das palmeiras podiam-se ver muitos prédios, os contornos quadrados e pesados dos apartamentos, com seus letreiros luminosos vermelhos nos telhados, fazendo com que o céu em cima e as pessoas e tudo o mais embaixo ficassem vermelhos. Mas para se ver livre dessas coisas, bastava você ficar sentado e olhar fixamente... Tudo começava a recuar. Desse jeito você podia afastá-las o quanto quisesse...

— Nunca prestei muita atenção neste lugar — Glória disse.

— ...Gosto daqui — eu disse, tirando o casaco e estendendo-o na grama para ela. — Venho aqui três ou quatro vezes por semana.

— Você gosta mesmo daqui — ela disse, sentando-se.

— Há quanto tempo está em Hollywood? — perguntei.

— Quase um ano. Já trabalhei em quatro filmes. Teria trabalhado em mais — ela disse mas não consigo um registro na Central.

— Eu também não consegui — falei.

Sem um registro na Agência Central de Escalação, você não tinha muitas oportunidades. Os grandes estúdios ligavam para a Central e pediam quatro suecos ou seis gregos, ou dois camponeses da Boêmia, ou seis grã-duquesas, e a Central arrumava. Eu sabia por que Glória não conseguia se registrar na Central. Era loira demais e pequena demais e parecia velha demais. Com roupas legais ela poderia ficar atraente, mas nem assim eu a acharia bonita.

— Encontrou alguém que possa ajudá-la? — perguntei.

— Nesse local de trabalho, como dá para saber quem pode ajudar? — ela disse. — Hoje você é eletricista e no dia seguinte você é produtor. A única maneira de eu chegar num figurão seria pular em cima de um carro em movimento, quando estivesse passando na rua. De qualquer modo, não sei se os astros masculinos podem me ajudar tanto quanto as estrelas femininas. Pelo que tenho visto ultimamente, cheguei à conclusão de que deixei o sexo errado fazer com que eu...

— Como você chegou em Hollywood? — perguntei.

— Ah, não sei — ela disse, depressa -, mas qualquer coisa é melhor do que a vida que eu levava em casa.

Perguntei onde era a casa dela.

— Texas — ela disse. — No oeste do Texas. Já esteve lá?

— Não — eu disse. — Venho de Arkansas.

— Pois bem, o oeste do Texas é um inferno — ela disse. — Eu morava com minha tia e tio. Ele era guarda— freios numa estrada de ferro. Eu só o via uma ou duas vezes por semana, graças a Deus...

Ela parou sem dizer nada e ficou olhando para o brilho etéreo e vermelho por cima dos edifícios.

— Pelo menos — eu disse — você tinha um lar...

— Se você chama aquilo de lar — ela falou. — Eu dou outro nome àquilo. Quando meu tio estava em casa, ficava me molestando e, quando estava fora, minha tia e eu sempre brigávamos. Ela tinha medo que eu falasse sobre a vida dela...

“Gente fina”, pensei comigo.

— Então resolvi fugir para Dallas — ela disse. — Já foi para lá?

— Nunca fui ao Texas em toda minha vida — eu falei.

— Não perdeu nada — ela disse. — Eu não consegui um emprego, então resolvi roubar uma coisa numa loja e deixar que a polícia cuidasse de mim.

— Foi uma boa idéia — eu disse.

— Foi uma ótima idéia — ela disse -, só que não deu certo. Fui presa, tudo bem, mas os policiais ficaram com pena de mim e me soltaram. Para não morrer de fome, fui morar com um sírio, que tinha uma loja de cachorro-quente, na esquina perto da prefeitura. Ele mascava fumo o tempo todo... Já esteve na cama com um homem que fica mascando fumo?

— Acho que não — eu disse.

— Acho que eu teria agüentado isso — ela continuou -, mas quando quis transar comigo na mesa da cozinha, enquanto atendia os fregueses, eu desisti. Duas noites depois tomei veneno.

“Meu Deus!”, pensei comigo.

— Acho que não tomei o bastante — ela disse. — Só fiquei enjoada. Urgh! Ainda sinto o gosto daquele troço. Fiquei uma semana no hospital. Foi quando tive a idéia de vir para Hollywood.

— Como foi? — perguntei.

— Lendo numa revista de cinema — ela disse. — Depois que me liberaram, comecei a pedir carona. Não é engraçado?...

— É muito engraçado — eu disse, tentando rir... — Seus pais não estão vivos?

— Não — ela respondeu. — Meu pai morreu na guerra na França. Eu queria morrer na guerra.

— Por que você não desiste de trabalhar no cinema? — perguntei.

— Por que deveria? — ela disse. — Posso me tornar uma estrela do dia para a noite. Veja Hepburn, Margaret Sullavan e Josephine Hutchinson... Mas vou contar o que eu faria, se tivesse coragem: pularia de uma janela ou me atiraria na frente de um bonde ou algo assim.

— Sei como se sente — eu disse sei exatamente como se sente.

— Acho estranho que todo mundo se preocupe tanto com a vida e tão pouco com a morte. Por que esses cientistas famosos estão sempre metidos com o prolongamento da vida em vez de achar um jeito agradável de acabar

com ela? Deve haver um monte de gente no mundo como eu... que gostaria de morrer, mas não tem coragem...

— Sei o que você quer dizer — eu disse sei exatamente o que você quer dizer.

Nenhum de nós disse nada durante alguns segundos.

— Uma amiga minha está tentando me convencer a entrar numa maratona de dança lá na praia — ela disse. — Comida grátis, cama grátis enquanto a gente agüenta, e mil dólares se a gente ganhar.

— A parte da comida grátis parece boa — eu disse.

— Não é o mais legal — ela disse. — Vários produtores e diretores vão a essas maratonas de dança. Há sempre uma chance de eles escolherem a gente e darem um papel num filme... O que você acha?

— Eu? Ah, não sei dançar direito...

— Não precisa. Só precisa ficar se mexendo.

— Não acho uma boa idéia eu me arriscar — eu disse. — Tenho estado muito doente. Acabo de ter uma infecção intestinal. Quase morri. Estava tão fraco que ia me arrastando de joelhos para o banheiro. Não acho uma boa idéia eu me arriscar — falei, balançando a cabeça.

— Quando foi isso?

— Há uma semana.

— Você está bem agora — ela disse.

— Acho que não... É melhor eu não arriscar, posso ter uma recaída.

— Eu cuido disso — ela disse.

— ...Talvez daqui a uma semana — eu disse.

— Será tarde demais. Você está bem forte agora...

...o julgamento e a sentença deste tribunal é
que...

...capítulo quatro

A maratona de dança foi realizada na área de lazer do píer na praia, em um imenso prédio antigo que antes tinha sido um salão de baile público. Construído sobre estacas, erguia-se sobre o oceano e, debaixo de nossos pés, debaixo do chão, o oceano pulsava dia e noite. Eu sentia a pulsação na planta de meus pés, como se eles fossem estetoscópios.

Na parte de dentro havia uma pista de dança para os concorrentes, com mais ou menos dez metros de largura e sessenta metros de comprimento e, ao redor, em três lados, havia cadeiras e, atrás delas, bancos para o público em geral. No fim da pista de dança tinha uma plataforma elevada para a orquestra. Tocava só à noite e não era uma orquestra muito boa. Durante o dia só tínhamos a música que se conseguia no rádio amplificada por alto-falantes. A maior parte do tempo era alta demais e enchia o salão de barulho. Tínhamos um mestre-de-cerimônias, cuja tarefa era fazer com que os fregueses se sentissem à vontade; dois juízes que andavam pela pista com os concorrentes o tempo todo para ver se estava tudo certo; dois enfermeiros, duas enfermeiras e um médico para casos de emergência. O médico não se parecia nem um pouco com um médico. Era jovem demais.

A maratona de dança começou com 144 pares, mas 61 desistiram na primeira semana. A regra era dançar durante uma hora e cinquenta minutos e depois dez minutos de descanso, quando a gente podia dormir se quisesse. Mas aqueles dez minutos também eram para a gente se barbear, ou tomar banho, ou cuidar dos pés, ou qualquer outra necessidade.

A primeira semana foi a mais difícil. Os pés e as pernas de todo mundo incharam, e lá embaixo o oceano continuava a bater, bater contra as estacas

sem parar. Antes de entrar nessa maratona de dança eu adorava o oceano Pacífico: seu nome, seu tamanho, sua cor, seu cheiro... Costumava ficar sentado durante horas olhando para ele, pensando sobre os navios que partiram e nunca voltaram, sobre a China e os Mares do Sul, imaginando todo tipo de coisa... Não faço mais isso. Estou cheio do oceano Pacífico. Não me importo de não vê-lo de novo. *Provavelmente não o verei de novo. O juiz vai cuidar disso.*

Uns veteranos nos deram dicas, a Glória e a mim, que o melhor jeito de ganhar uma maratona de dança era aperfeiçoando um esquema para aqueles dez minutos de descanso: aprender a comer um sanduíche enquanto se fazia a barba, aprender a comer enquanto se ia ao banheiro, enquanto se cuidava dos pés, aprender a ler o jornal enquanto a gente dançava, aprender a dormir no ombro do parceiro enquanto a gente dançava; mas eram truques do ofício que exigiam prática. Foi muito difícil no começo para nós dois.

Soube que quase a metade das pessoas daquela competição era profissional. Participar de maratonas de danças por todo país era uma ocupação, alguns deles chegando a ir de uma cidade para outra de carona. Os outros eram apenas rapazes e moças como Glória e eu.

Nossos melhores amigos eram o par n° 13. James e Ruby Bates vinham de uma cidadezinha ao norte da Pensilvânia. Era a oitava maratona de dança deles. Ganharam um prêmio de mil e quinhentos dólares em Oklahoma, ficando em movimento durante 1.253 horas sem parar. Havia várias outras equipes que diziam ter sido campeãs de algum jeito, mas eu sabia que James e Ruby ficariam ali até o final. Isto é, se o bebê de Ruby não chegasse antes. Faltavam quatro meses para o bebê nascer.

— Qual é o problema com Glória? — James me perguntou certo dia, quando voltamos à pista, depois de dormir.

— Nada. Por quê? — perguntei. Mas eu sabia o que ele queria dizer. Glória estava de baixo-astral de novo.

— Ela fica dizendo a Ruby que é uma cretina, se tiver o bebê — ele disse. — Glória quer que ela faça um aborto.

— Não entendo por que Glória fala essas coisas — eu disse, tentando acalmá-lo.

— Diga a ela para dar um tempo — ele disse.

Quando o apito deu o sinal para começarmos a nossa 216ª hora, eu contei a Glória o que James tinha dito.

— Ele que vá à merda! — ela disse. — O que é que ele sabe sobre o assunto?

— Não entendo por que eles não podem ter o bebê, se querem. É um assunto deles — eu disse. — Não quero que James fique irritado. Ele já participou de várias danças e tem nos dado boas dicas. Como é que nós vamos ficar, se ele ficar irritado?

— É uma pena aquela moça ter um bebê — disse Glória. — Qual o sentido de ter um bebê, se você não tem grana para cuidar dele?

— Como você sabe que eles não têm grana? — perguntei.

— Se tivessem, por que estariam aqui?... Esse é o problema — ela disse. — Hoje em dia todo mundo tem bebês...

— Ah, nem todo mundo — eu disse.

— Você sabe tudo sobre o assunto. Você estaria melhor, se não tivesse nascido...

— Talvez não — eu disse. — Como está se sentindo? — perguntei, tentando fazê-la esquecer dos problemas.

— Sempre me sinto um lixo — ela disse. — Meu Deus, o ponteiro do relógio se move devagar.

Tinha um grande pedaço de lona pintado com a forma de um relógio sobre a plataforma do mestre-de-cerimônias, marcando até 2.500 foras. O ponteiro mostrava 216 naquele momento. Por cima, tinha um letreiro: HORAS TRANSCORRIDAS — 216, PARES RESTANTES — 83.

— Como estão suas pernas?

— Ainda estão fraquinhas — eu disse. — Aquela gripe foi forte.

— Algumas moças acham que para vencer serão necessárias duas mil horas — Glória disse.

— Espero que não — eu disse. — Acho que não aguento tanto tempo.

— Meus sapatos estão se acabando — Glória disse. — Se vacilarmos e não arrumarmos logo um patrocinador, vou ficar descalça.

Um patrocinador era uma companhia ou firma que oferecia um suéter e anunciava seu nome ou produto nas costas. Depois tomavam conta das outras necessidades.

James e Ruby dançavam ao nosso lado.

— Falou com ela? — ele perguntou, olhando para mim.

Fiz um sinal positivo com a cabeça.

— Qual é! — disse Glória, quando eles começaram a se afastar, dançando. — Que história é essa de falar de mim pelas costas?

— Diga a essa doida para dar um tempo — disse James, ainda falando diretamente comigo...

Glória ia dizer alguma coisa, mas, antes que pudesse, eu a levei, dançando, para longe dali. Eu não queria escândalos.

— Filho-da-puta! — ela disse.

— Ele está irritado — eu disse. — Como é que ficamos nós?

— Vamos — ela disse —, vou dizer a ele onde tem um tempo...

— Glória — eu disse —, por favor, tique na sua.

— Devagar com esses palavrões pesados — disse uma voz.

Olhei à minha volta. Era Rollo Peters, o juiz da pista.

— Vá à merda! — disse Glória. Eu senti nos meus dedos os músculos das costas de Glória se contraindo, assim como senti o oceano pulsando nas plantas de meus pés.

— Abaixar o tom de voz — Rollo disse. — As pessoas da arquibancada podem ouvi-la. Onde você acha que está? Num boteco?

— É isso aí... Num boteco.

— Tudo bem, tudo bem — eu disse.

— Eu já avisei uma vez sobre os palavrões — Rollo disse. — É melhor eu não precisar repetir. Pega mal com os fregueses.

— Fregueses? Onde estão? — Glória disse.

— Deixe que eu cuide disso — Rollo disse, olhando para mim.

— Tudo bem, tudo bem — eu disse.

O apito tocou, fazendo com que todo mundo parasse de se mexer. Alguns mal se mexiam, apenas o bastante para não serem desclassificados.

— Tudo bem, moçada — ele disse —, um pouco mais de velocidade.

— Um pouco mais de velocidade, moçada — disse ao microfone Rocky Gravo, o mestre-de-cerimônias. O barulho de sua voz nos amplificadores encheu o salão, abafando a pulsação do oceano. — Um pouco mais de velocidade... Em volta da pista... Podem começar — disse para a orquestra.

A orquestra começou a tocar. Os concorrentes começaram a dançar com um pouco mais de animação. A velocidade durou cerca de dois minutos e, quando terminou, Rocky puxou os aplausos e disse ao microfone:

— Olhem para essa moçada, senhores e senhoras... Depois de 216 horas estão saudáveis como nunca no campeonato mundial de maratona de dança: uma competição de resistência e talento. Essa moçada recebe comida sete vezes ao dia: três refeições grandes e quatro lanches leves. Alguns deles ganharam peso durante a competição... E temos médicos e enfermeiras o tempo todo de plantão para mantê-los nas melhores condições físicas. Agora vou chamar o par n° 4, Mário Petrone e Jackie Miller, para um número especial. Venham! Par n° 4... Aqui estão eles, senhores e senhoras. Não formam um belo par?...

Mário Petrone, um italiano robusto, e Jackie Miller, uma loura baixinha, foram para a plataforma receber os aplausos. Falaram com Rocky e começaram a dançar um sapateado, que era muito ruim. Nem Mário nem Jackie pareciam se dar conta de que era ruim. Quando acabaram, algumas pessoas atiraram moedas no chão.

— Mais, pessoal! — Rocky disse. — Uma chuva de prata. Mais!

Mais algumas moedas bateram no chão. Mário e Jackie pegaram-nas e vieram em nossa direção.

— Quanto? — Glória perguntou.

— Parecem sessenta centavos — disse Jackie.

— De onde você vem, moça? — Glória perguntou.

— Alabama.

— Achei que era de lá — Glória disse.

— Você e eu deveríamos aprender um número especial — eu disse a Glória. — Podíamos ganhar um dinheiro extra.

— É melhor não saber nenhum — Mário disse. — Só dá mais trabalho e não é bom para as pernas.

— Vocês já ouviram falar dos dérbis? — Jackie perguntou.

— O que é isso? — perguntei.

— Um tipo de corrida — ela disse. — Acho que eles vão explicar no próximo período de descanso.

— Estamos entrando num beco sem saída — Glória disse.

**...devido ao crime de homicídio em
primeiro grau...**

...Capítulo cinco

No vestiário, Rocky Gravo nos apresentou Vincent (Socks) Donald, um dos organizadores.

— Olha aí, moçada — disse Socks ninguém deve ficar de baixo-astrol porque as pessoas não estão vindo para a maratona de dança. Demora um pouco para essas coisas pegarem, então decidimos começar com um número especial que com certeza vai lotar a casa. Vejam o que vamos fazer: uma corrida de dérbi todas as noites. Vamos pintar um círculo no chão e todas as noites vocês vão correr em volta da pista durante quinze minutos e o último par da noite será desclassificado. Garanto que isso vai atrair as multidões.

— Também vai atrair os agentes funerários — alguém disse.

— Vamos colocar umas camas no meio da pista — disse o promotor —, e o médico e as enfermeiras ficarão de plantão durante o dérbi. Quando um concorrente cair e for para a arena, o parceiro terá de fazer duas voltas para compensar. Vocês vão se divertir mais por que haverá mais gente. Por exemplo, quando todo o pessoal de Hollywood começar a vir para cá, vocês não darão conta dos compromissos... E então? O que acham da comida? Alguém tem um desejo especial? Tudo bem, moçada, assim é legal. Vocês colaboram conosco e nós colaboramos com vocês.

Saímos da pista. Nenhum concorrente disse nada sobre os dérbis. Pareciam achar que qualquer idéia que atraísse as multidões era boa. Rollo

veio em minha direção, enquanto eu me sentava na grade. Eu tinha ainda dois minutos de descanso antes da próxima malhação de duas horas.

— Não me leve a mal, pelo que disse há poucos minutos — ele disse. — Não é com você, é com a Glória.

— Eu sei — eu falei. — Ela é legal. Só está de mal com o mundo, só isso.

— Tente mantê-la de boca calada — ele disse.

— É difícil, mas vou tentar — eu disse.

Naquela hora, olhei em direção ao vestiário feminino e fiquei surpreso ao ver Glória e Ruby vindo juntas para a pista. Fui ao encontro de Glória.

— O que acha dos dérbis? — perguntei.

— É um bom jeito de acabar com a gente — ela disse.

O apito soou para começarmos de novo.

— Não tem mais do que cem pessoas aqui hoje — eu disse.

Glória e eu não estávamos mais dançando. Eu estava com o braço sobre seu ombro e ela estava com o braço em volta de minha cintura, e andávamos. Assim estava certo. Na primeira semana, a gente era obrigado a dançar, mas depois não. A gente só tinha que ficar em movimento. Vi James e Ruby andando em nossa direção e vi na expressão dele que havia algo de errado. Eu quis ir embora, mas não tinha para onde ir.

— Eu disse para dar um tempo para minha mulher — ele disse para Glória.

— Vai pro inferno, seu brutamonte — disse Glória.

— Espera aí — eu disse. — Qual é o problema?

— Ela andou buzinando na orelha de Ruby de novo — James disse. — Toda vez que eu viro as costas ela começa.

— Deixa para lá, Jim — Ruby disse, tentando levá-lo para o outro lado.

— Não vou deixar para lá não. Eu disse para calar a boca, não disse? — ele disse para Glória.

— Vai se...

Antes que Glória terminasse, ele deu um tapa no rosto dela, atirando a cabeça dela contra meu ombro. Foi uma bofetada. Eu não podia tolerar isso. Estendi o braço e dei-lhe um soco na boca. Ele atingiu meu queixo com a esquerda, atirando-me em cima de uns dançarinos. Isso impediu que eu caísse no chão. Ele correu em minha direção e eu o peguei, lutamos e eu tentei colocar o joelho entre as pernas dele, num golpe sujo. Era a única chance que eu tinha.

Um apito soou no meu ouvido e uma pessoa nos agarrou. Era Rollo Peters. Ele nos separou.

— Parem com isso — ele disse. — O que está acontecendo aqui?

— Nada — eu disse.

— Nada — Ruby disse.

Rollo levantou a mão e acenou para Rocky na plataforma.

— Continuem — disse Rocky, e a orquestra começou a tocar.

— Dispersar — Rollo disse aos competidores, que começaram a ir embora. — Vamos — ele disse, fazendo com que circulassem na pista.

— Da próxima vez corto seu pescoço — James disse para Glória.

— Vá à merda — Glória disse.

— Cale a boca — eu disse.

Fui andando com ela em direção a um canto, e diminuímos o passo, mal nos mexendo.

— Você está louca? — eu disse. — Por que não deixa Ruby em paz?

— Não se preocupe. Cansei de desperdiçar minha saliva com ela. Se ela quer ter um bebê deformado, que tenha.

— Olá, Glória — disse uma voz.

Olhamos em volta. Era uma velha na fileira da frente da arquibancada, perto da grade. Não sabia seu nome, mas ela era uma personalidade. Ia todas as noites, levando um cobertor e comida. Certa noite enrolou-se no cobertor e ficou a noite toda. Ela tinha mais ou menos 65 anos.

— Olá! — disse Glória.

— Qual foi o problema? — a velha perguntou.

— Nada — Glória disse só uma briguinha.

— Como você está se sentindo? — a velha perguntou.

— Tudo bem, acho — Glória respondeu.

— Eu sou a Sr.^a Layden — a velha disse. — Vocês são meu par favorito.

— Obrigado — eu disse.

— Tentei participar da competição — disse a Sr.^a Layden, mas não me deixaram. Disseram que eu era velha demais, mas só tenho sessenta anos.

— Legal! — eu disse.

Glória e eu estávamos parados, abraçados, só mexendo os corpos. Tínhamos de ficar nos mexendo o tempo todo. Dois homens entraram na arquibancada atrás da velha. Ambos mascavam charutos apagados.

— São detetives — Glória disse, baixinho.

— ...O que está achando da competição? — perguntei à sr^a. Layden.

— Estou gostando muito — ela disse. — Muito! Rapazes e moças tão legais...

— Circulando, moçada — Rollo disse, passando perto de nós.

Fiz um sinal com a cabeça para a sr^a. Layden e andamos.

— Dá para imaginar uma coisa dessas? — Glória perguntou. — Ela deveria estar em casa, trocando as fraldas do bebê. Meu Deus, espero não viver tanto até ficar tão velha.

— Como você sabe que aqueles sujeitos são detetives? — perguntei.

— Sou vidente — Glória respondeu. — Dá para imaginar uma velha assim? Ela é louca por esse tipo de coisa. Deviam cobrar um aluguel dela — abanou a cabeça. — Meu Deus, espero não viver tanto até ficar tão velha — ela disse de novo.

O encontro com a velha a deixou muito deprimida. Glória disse que se lembrou de uma mulher na cidadezinha no oeste do Texas, onde ela morou.

— Alice Faye acabou de entrar — disse uma das moças. — Está vendo? Sentada ali.

Era Alice Faye mesmo, com dois homens que não reconheci.

— Está vendo? — perguntei a Glória.

— Não quero vê-la — disse Glória.

— Senhoras e senhores — Rocky disse no microfone temos a honra de ter conosco, nesta noite, a maravilhosa estrela de cinema Alice Faye. Uma salva de palmas para Alice, senhoras e senhores.

Todos aplaudiram e Alice Faye fez um sinal com a cabeça, sorrindo. Socks Donald, sentado na arquibancada perto da plataforma da orquestra, também sorria. O pessoal de Hollywood começava a chegar.

— Vamos — eu disse para Glória —, bata palmas.

— Por que deveria aplaudir? — Glória disse. — O que é que ela tem que eu não tenho?...

— Você está com inveja — eu disse.

— É isso mesmo, estou com inveja. Enquanto eu for um fracasso, vou sentir inveja de todo mundo que for bem-sucedido. Você não?

— Claro que não — eu disse.

— Você é bobo — ela disse.

— Ei, veja — eu disse.

Os dois detetives tinham saído da arquibancada com a sr^a. Layden e estavam sentados com Socks Donald. Estavam com as cabeças juntas olhando para uma folha de papel que um deles segurava.

— Tudo bem, moçada — Rocky disse ao microfone. — Um pouco de animação antes do descanso... Podem começar — disse para a orquestra, batendo as mãos e os pés, acompanhando a música. Em poucos minutos, os clientes também estavam batendo as mãos e os pés.

Estávamos todos rodando em círculos na pista, todos olhando para o ponteiro do relógio, quando, de repente, Kid Kamm, do par n^o 18, começou a dar tapas no rosto de sua parceira. Ele a segurava com a mão esquerda,

dando tapas de um lado para o outro com a mão direita. Mas ela não reagia. Tinha desmaiado. Gargarejou algumas vezes e escorregou no chão, inconsciente.

O juiz da pista apitou e todos os clientes ficaram de pé, agitados. Os clientes de uma maratona de dança não precisam estar preparados para a agitação. Quando alguma coisa acontece, eles ficam todos agitados ao mesmo tempo. Nesse sentido, uma maratona de dança é parecida com uma tourada.

O juiz da pista e duas enfermeiras levantaram a moça e levaram-na, arrastando-a, para o vestiário.

— Mattie Barnes, do par nº 18, desmaiou — Rocky anunciou para a multidão. — Ela foi levada ao vestiário, senhoras e senhores, onde receberá o melhor atendimento médico. Não foi nada grave, senhoras e senhores... Nada grave. É apenas uma mostra de que sempre acontece alguma coisa numa maratona de dança.

— Ela reclamou no último período de descanso — Glória disse.

— Qual é o problema dela? — perguntei.

— São aqueles dias do mês — Glória disse. — E ela não vai conseguir voltar. É do tipo que tem de ficar de cama durante três ou quatro dias nessa época.

— Eu escolho a dedo — disse Kid Kamm. Sacudiu a cabeça, com ódio. — Rapaz, que falta de sorte! Já estive em nove competições e não terminei nenhuma. Minhas parceiras sempre me deixam na mão.

— Ela provavelmente vai ficar boa — eu disse, tentando animá-lo.

— Nada disso — ele disse —, ela está acabada. Já pode voltar para o campo.

A sirene tocou, avisando que a malhação tinha acabado. Todos correram para o vestiário. Tirei os sapatos e pulei na cama. Senti a pulsação do oceano uma vez... só uma vez. Então adormeci.

Acordei com o cheiro de amoníaco no nariz. Um dos treinadores estava com uma garrafa embaixo de minhas narinas, para que eu cheirasse. (Esse era o melhor jeito de nos acordar de um sono profundo, o médico disse. Eles não teriam conseguido se apenas nos sacudissem.).

— Tudo bem — eu disse ao treinador. — Estou bem.

Sentei-me e procurei meus sapatos. Então vi os dois detetives e Socks Donald perto de mim, de pé, ao lado da cama de Mário. Estavam esperando que o outro treinador o acordasse. Por fim, Mário virou-se e olhou para eles.

— Olá, cara — disse um dos detetives. — Conhece esse cara? — entregou-lhe um pedaço de papel. Agora eu estava perto o bastante para ver o que era. Era uma página arrancada de uma revista policial com vários retratos.

Mário olhou para o papel e devolveu.

— Sim, sei quem é — disse, sentando.

— Você não mudou muito — falou o outro detetive.

— Seu carcamano filho-da-puta — Socks disse, cerrando os punhos. — O que está tentando aprontar?

— Nada, Socks — disse o primeiro detetive. Depois se voltou para Mário. — Bem, Giuseppe, pegue suas coisas.

Mário começou a amarrar os sapatos.

— Não tenho nada, a não ser um casaco e urna escova de dentes — disse. — Mas queria me despedir de minha parceira.

— Seu carcamano filho-da-puta sem-vergonha — Socks disse. — Isso vai ficar muito legal nos jornais, não é?

— Esqueça sua parceira, Giuseppe — disse o segundo detetive. — Você aí — ele disse para mim —, diga à parceira de Giuseppe que ele se despediu. Vamos, Giuseppe — ele disse a Mário.

— Levem esse carcamano filho-da-puta embora pela porta dos fundos, rapazes — disse Socks Donald.

— Todos na pista — gritou o juiz da pista. — Todos na pista.

— Adeus, Mário — eu disse.

Mário não disse nada. Tudo se passou de modo silencioso, como se fosse algo corriqueiro. Os detetives agiram como se esse tipo de coisa acontecesse todos os dias.

**...pelo qual foi condenado pelo veredicto
do júri...**

...capítulo seis

Então Mário foi para a cadeia e Mattie voltou para o campo. Lembro-me de como fiquei surpreso quando prenderam Mário por assassinato. Não conseguia acreditar. Ele era um dos caras mais legais que eu conheci. Mas é que naquela época eu não conseguia acreditar. Agora sei que é possível ser legal e também ser um assassino. Ninguém foi mais legal com uma garota do que eu fui com Glória, mas chegou a hora em que eu atirei nela e a matei. Então você entende que ser legal não significa nada...

Mattie foi automaticamente desqualificada quando o médico se recusou a deixar que permanecesse na competição. Disse que se ela continuasse a dançar, danificaria alguns órgãos e nunca mais poderia ter um bebê. Glória contou que ela ficou brava, xingou o médico e se recusou a desistir. Mas desistiu. Teve de desistir. Não teve escolha.

Com isso, Kid Kamm ficou sendo o par de Jackie. Pelas regras podia-se fazer isso. Você podia ficar sozinho durante 24 horas, mas, se não arrumasse um parceiro nesse meio-tempo, seria desclassificado. Tanto Kid com Jackie pareciam satisfeitos com o arranjo. Jackie não quis comentar a perda de Mário. Sua postura era a de que um parceiro era só um parceiro. Mas Kid não parava de sorrir. Parecia achar que afinal sua má sorte tinha acabado.

— Eles têm chances de ganhar — Glória disse. — São fortes como mulas. Lá no Alabama, ela comia milho. Olha a força. Aposto que ela aguenta uns seis meses.

— Vou chegar perto de James e Ruby — eu disse.

— Depois do jeito que eles nos trataram?

— O que isso tem a ver? Além disso, qual é o problema conosco? Temos uma chance de ganhar, não é?

— Temos?

— Bem, você não parece acreditar — eu disse.

Ela fez um sinal com a cabeça, sem dizer nada sobre isso.

— Cada vez mais eu queria estar morta — ela disse.

De novo. Não importa sobre o que eu falasse, ela sempre repetia isso.

— Não há nada que eu possa dizer que não a lembre de que gostaria de estar morta? — perguntei.

— Não — ela disse.

— Desisto — eu disse.

Uma pessoa da plataforma abaixou o volume do rádio. A música parecia música agora (usávamos o rádio sempre que a orquestra não estava presente. Era de tarde. A orquestra só vinha à noite.)

— Senhoras e senhores — disse Rocky ao microfone —, tenho a honra de anunciar que dois patrocinadores ofereceram ajuda a dois pares. O salão de beleza Pompadour, da B Avenue, n° 415, vai patrocinar o par n° 13, James e Ruby Bates. Vamos dar uma salva de palmas ao salão de beleza Pompadour, da B Avenue, n° 415, senhoras e senhores... Vocês também, moçada...

Todos aplaudiram.

— O segundo par a ser patrocinado — disse Rocky — é o n° 34, Pedro Ortego e Lillian Bacon. Serão patrocinados pela oficina Oceanic. Tudo

bem, agora uma salva de palmas para a oficina Oceanic, que fica na Ocean Street, nº 11.341, em Santa Mônica.

Todos aplaudiram de novo.

— Senhoras e senhores — Rocky disse —, deve haver mais patrocinadores para essa moçada maravilhosa. Conversem com seus amigos, senhoras e senhores, e vamos arrumar patrocinadores para todos. Olhem para eles, senhoras e senhores, depois de 242 horas em movimento contínuo, eles estão como novos... Uma salva de palmas para essa moçada maravilhosa, senhoras e senhores.

Houve mais aplausos.

— E não esqueçam, senhoras e senhores — Rocky disse que no Palm Garden logo ali, no fim do corredor, vocês podem tomar bebidas deliciosas... todos os tipos de cervejas e sanduíches. Venham conhecer o Palm Garden, senhoras e senhores... Podem começar — ele disse, girando o botão do rádio e enchendo o salão de barulho de novo.

Glória e eu fomos até Pedro e Lillian. Pedro mancava por causa de um defeito numa das pernas. Parece que ele tinha sido ferido numa tourada na cidade do México. Lillian era morena. Também estava tentando fazer cinema, quando ouviu falar sobre a maratona de dança.

— Parabéns — eu disse.

— Isso mostra que alguém torce por nós — disse Pedro.

— Já que não deu para ser a Metro Goldwin Mayer, que seja uma oficina — disse Lillian. — Só que me parece um pouco estranho que uma oficina compre minhas calcinhas.

— De onde você tirou essa idéia de calcinhas? — Glória disse. — Você não vai ganhar calcinhas. Vai ganhar uma camiseta, com o nome da oficina nas costas.

— Também ganhei calcinhas — disse Lillian.

— Ei, Lillian — disse Rollo, o juiz da pista —, a mulher da oficina Oceanic quer falar com você.

— Quem?

— Sua patrocinadora, Sr.^a Yeargan...

— Pelo escândalo — disse Lillian. — Pedro, parece que você vai ganhar cuecas.

Glória e eu andamos até a plataforma do mestre-de-cerimônias. Era gostoso ficar ali, àquela hora da tarde. Havia um grande triângulo de sol que entrava pela janela dupla por cima do bar, no Palm Garden. Só demorava dez minutos, mas nesses dez minutos eu me movia devagar por ali (eu tinha de me mexer para não ser desclassificado), deixando que o sol me banhasse por inteiro. Era a primeira vez na vida que eu gostava do sol.

“Quando essa maratona acabar”, disse comigo “vou passar o resto de minha vida tomando sol. Mal posso esperar a oportunidade de ir ao deserto do Saara fazer um filme.” — Claro que isso não vai mais acontecer.

Vi o triângulo no chão ficar cada vez menor.

Por fim, fechou-se por completo e começou a subir pelas minhas pernas. Rastejou pelo meu corpo, como se estivesse vivo. Quando chegou ao queixo, fiquei na ponta dos pés, para que a cabeça ficasse ao sol o máximo possível. Não fechei os olhos. Mantive-os bem abertos, olhando direto para o sol. Não me ofuscou. Desapareceu depressa.

Olhei à minha volta, procurando Glória. Ela estava de pé, perto da plataforma, rebolando, falando com Rocky, que estava agachado. Rocky também rebolava. (Todos os funcionários, o médico, as enfermeiras, os juizes da pista, o mestre-de-cerimônias, mesmo os rapazes que vendiam refrigerantes, tinham recebido ordens de ficar se mexendo enquanto

falavam com um dos concorrentes. Os administradores eram muito severos em relação a isso.)

— Yocê estava engraçado ali na ponta dos pés — disse Glória. — Parecia um bailarino.

— Se praticar direitinho, eu deixo você fazer um solo — Rocky disse, rindo.

— É mesmo — disse Glória. — Que tal o sol hoje?

— Não deixe que façam gozações — disse Mack Aston, do par n° 5, quando passou.

— Rocky! — uma voz chamou.

Era Socks Donald. Rocky desceu da plataforma e foi até ele.

— Não acho legal você rir de mim — eu disse para Glória. — Eu nunca faço isso com você.

— Não precisa — ela disse. — Um especialista ri de mim. Deus... Você sabe o que Socks Donald quer com Rocky? Você quer uma informação secreta?

— O quê? — perguntei.

— Sabe o par n° 6? Freddy e a moça de Manski? A mãe dela vai prestar queixa contra ele e Socks. Ela fugiu de casa.

— Não sei o que isso tem a ver — eu disse.

— Ela é menor de idade — disse Glória. — Só tem quinze anos. Meu Deus, com tanto que se fala sobre isso, o cara devia ter mais juízo.

— Por que culpar o Freddy? Pode ser que não seja culpa dele.

— Segundo a lei, a culpa é dele — Glória disse. — É isso que conta.

Levei Glória de volta para onde Socks e Rocky estavam de pé, tentando ouvir o que diziam, mas eles estavam falando muito baixo. Quer dizer, apenas Socks estava falando, Rocky apenas ouvia, fazendo sinal com a cabeça.

— Agora — ouvi Socks dizer, e Rocky fez um sinal de que tinha entendido e voltou para a pista, dando uma piscadinha para Glória, enquanto passava. Foi até Rollo Peters e chamou-o de lado, sussurrando algo no ouvido dele por alguns segundos. Então Rollo foi embora, olhando para os lados como se procurasse por alguém, e Rocky voltou para a plataforma.

— A moçada só tem alguns minutos antes de se retirar para um merecido descanso — Rocky anunciou no microfone. — E enquanto eles estiverem fora da pista, senhoras e senhores, os pintores farão um círculo oval na pista para o dérbi desta noite. Dérbi hoje à noite, senhoras e senhores: não se esqueçam do dérbi. É a coisa mais emocionante que já viram... Tudo bem, moçada, faltam dois minutos para o descanso... Um pouco mais de velocidade, moçada... Mostrem aos presentes como vocês são fortes... Vocês da platéia também, mostrem a essa moçada que podem contar com o apoio de vocês...

Aumentou o volume do rádio e começou a aplaudir e a bater com os pés no chão. A platéia aderiu. Nós todos começamos a ficar mais animados, mas não por causa dessa adesão. Era porque dentro de um ou dois minutos iríamos descansar e logo depois receberíamos a comida.

Glória me cutucou e eu vi Rollo Peters andando entre Freddy e a garota de Manski. Achei que ela estava chorando, mas antes que Glória e eu os alcançássemos, a sirene tocou e todos correram para os vestiários.

Freddy estava de pé na sua cama, colocando um outro par de sapatos num saco com zíper.

— Fiquei sabendo — eu disse. — Sinto muito.

— Tudo bem — ele disse. — Só que foi ela quem me estuprou... Ficarei bem se conseguir sair da cidade antes da polícia me pegar. Foi uma sorte para mim que Socks foi avisado.

— Para onde você vai? — perguntei.

— Para o sul, acho. Sempre quis conhecer o México. Até mais...

— Até mais — eu disse.

Ele foi embora sem que ninguém soubesse. Quando passou pela porta dos fundos, vi o sol brilhando no oceano. Por um momento fiquei tão pasmo que não consegui me mexer. Não sei se fiquei mais surpreso por ver o sol pela primeira vez em três semanas ou se foi por descobrir a porta. Fui até lá, na esperança de que o sol ainda estivesse lá quando eu chegasse. A única outra vez que fiquei tão ansioso foi num Natal, quando eu era criança, a primeira vez em que eu era crescido o bastante para entender o que era o Natal, e fui para a sala e vi a árvore toda iluminada.

Abri a porta. No fim do mundo o sol se afundava no oceano. Estava tão vermelho, brilhante e quente que eu me admirei de não ter vapor. Certa vez vi vapor saindo do oceano. Foi numa estrada perto da praia e alguns homens estavam trabalhando com pólvora. De repente, explodiu e eles pegaram fogo. Eles correram e se atiraram no mar. Foi quando vi o vapor.

A cor do sol se refletia em algumas nuvens menores, deixando-as vermelhas. Lá onde o sol se afundava, o oceano estava muito calmo, nem parecia um oceano. Estava lindo, lindo, lindo, lindo, lindo, lindo. Várias pessoas estavam pescando no píer, sem prestar atenção ao pôr do sol. Eram bobos.

— Vocês precisam mais do pôr do sol do que de peixes — eu disse comigo.

A porta escapou de minhas mãos, bateu e fez o barulho de um tiro de canhão.

— Você está surdo? — uma voz gritou ao meu ouvido. Era um dos treinadores. — Deixe a porta fechada! Quer ser desclassificado?

— Só estava olhando o pôr do sol — eu disse.

— Está louco? Você deveria estar dormindo. Você precisa dormir — ele disse.

— Não preciso dormir — eu disse. — Estou me sentindo bem. Nunca me senti melhor em minha vida.

— Mas precisa descansar — ele disse. — Só tem mais alguns minutinhos. Descanse os pés.

Ele me seguiu até a cama. Só então percebi que o vestiário não cheirava bem. Sou muito sensível a cheiros desagradáveis e não sei por que não tinha percebido esse mau cheiro antes, de muitos homens no mesmo quarto. Tirei os sapatos e deitei de costas.

— Quer que esfregue suas pernas? — ele perguntou.

— Estou bem — eu disse. — Minhas pernas estão boas.

Ele disse algo para si e foi embora. Fiquei ali deitado, pensando no pôr do sol, tentando lembrar a cor dele. Não o vermelho, mas as outras cores. Quase lembrei uma ou duas vezes; era como aquele cara que você conheceu um dia e depois esqueceu, cujo tamanho, traços e movimentos você lembra, mas não consegue juntar as coisas.

Pelos pés da cama eu sentia o oceano batendo nas pilastras embaixo. Subia e descia, subia e descia, ia e voltava, ia e voltava...

Fiquei contente quando a sirene tocou, nos acordando e nos chamando de volta para a pista.

...incurrendo na pena máxima da lei...

...capítulo sete

Os pintores tinham terminado. Pintaram uma linha branca grossa em volta da pista, em forma oval. Essa era a pista para o dérbi.

— Freddy foi embora — eu disse para Glória, quando andamos para a mesa onde estavam os sanduíches e o café. (Isso era chamado de lanchinho. Fazíamos as refeições às dez da noite.)

— A moça de Manski também — Glória disse. — Dois assistentes sociais vieram buscá-la. Aposto que a mãe vai dar uma surra nela.

— Acho chato dizer isso — eu disse mas a partida de Freddy foi um dos momentos mais iluminados de minha vida.

— O que foi que ele fez a você?

— Ah, não estou falando disso — eu disse. — Mas se ele não tivesse ido embora eu não teria visto o pôr do sol.

— Meu Deus! — disse Glória, olhando para o sanduíche. — Não existe nada no mundo além de presunto?

— Para você isso é peru — disse Mack Aston, que estava na fila atrás de mim. Ele estava brincando.

— Aqui tem um de carne — disse a enfermeira. — Você prefere de carne?

Glória pegou o sanduíche de carne e também ficou com o de presunto.

— Ponha quatro colheres na minha — ela disse para Rollo, que estava servindo o café. — E bastante creme.

— Ela tem um cavalo dentro dela — disse Mack Aston.

— Preto — eu disse para Rollo.

Glória levou a comida para perto da plataforma do mestre-de-cerimônias, onde os músicos estavam afinando seus instrumentos. Quando Rocky Gravo a viu, pulou para a pista e foi falar com ela. Não havia lugar para mim ali, então fui para o outro lado.

— Olá! — disse uma moça.

No escudo das costas dela estava escrito: 7. Ela tinha cabelos e olhos pretos e era bonitinha. Eu não sabia seu nome.

— Olá! — eu disse, olhando em volta, tentando ver quem era seu parceiro. Ele estava conversando com duas mulheres na arquibancada da frente.

— Como está se saindo? — perguntou a n° 7. Sua voz era de uma pessoa instruída.

“O que estará fazendo aqui?” pensei comigo. — Acho que estou bem — respondi. — Apenas gostaria que já tivesse acabado e que eu fosse o vencedor.

— O que vai fazer com o dinheiro, se ganhar? — ela perguntou, rindo.

— Faria um filme — eu disse.

— Não conseguiria fazer um grande filme com mil dólares, não é? — ela perguntou, mordendo o sanduíche.

— Ah, não quis dizer um longa metragem — expliquei. — Um curta. Poderia fazer com dois rolos, talvez três.

— Estou interessada em você — ela disse. — Estou de olho em você há duas semanas.

— É mesmo? — eu disse, surpreso.

— Sim. Vi você parado tomando sol ali todas as tardes e vi milhares de expressões diferentes no seu rosto. Às vezes tinha a impressão de que você estava com muito medo.

— Engano seu — eu disse. — Por que eu teria medo?

— Ouvi quando você disse à sua parceira sobre o pôr do sol esta tarde — ela disse, sorrindo.

— Isso não prova nada — eu disse.

— Imagine... — ela disse, olhando em volta. Olhou para o relógio, franzindo as sobrancelhas. — Ainda temos quatro minutos. Gostaria de fazer algo por mim?

— Bem... claro — eu disse.

Ela fez um movimento com a cabeça e eu a segui até a plataforma do mestre-de-cerimônias. A plataforma tinha pouco mais de um metro de altura, com uma pesada cortina de lona enfeitada que ia até o chão. Nós estávamos sozinhos num espaço formado pelo fundo da plataforma e várias tabuletas. Se não fosse pelo barulho, ela e eu poderíamos ter sido as únicas pessoas no mundo. Estávamos os dois um pouco excitados.

— Vamos — ela disse.

Deitou-se no chão e levantou a lona, arrastando— se para debaixo da plataforma. Meu coração batia depressa e senti o sangue fugir do rosto.

Pelas plantas dos pés sentia o oceano bater contra as pilastras.

— Vamos — sussurrou, puxando meu tornozelo.

De repente, entendi o que ela queria. *Não existem experiências novas na vida. Alguma coisa pode acontecer que você acha que nunca aconteceu antes, que você acha que é novidade, mas é um engano. Basta você ver, ou sentir um cheiro, ou escutar alguma coisa para você entender que essa experiência, que você pensou que era nova, já aconteceu antes. Quando ela puxou meu tornozelo, tentando me levar para debaixo da plataforma, me lembrei de uma vez em que uma outra menina fez a mesma coisa. Só que foi na varanda em vez de ser na plataforma. Eu tinha treze ou quatorze anos e ela tinha mais ou menos a mesma idade. Ela se chamava Mabel e morava na casa ao lado. Depois da aula a gente brincava na varanda na frente da casa, imaginando que era uma caverna e que nós éramos ladrões e prisioneiros. Mais tarde brincamos de papai e mamãe, imaginando que ali era uma casa. Mas naquele dia do qual estou falando fiquei na varanda da frente da casa, sem pensar em Mabel nem em joguinhos, e senti uma coisa puxar meu tornozelo. Olhei para baixo e vi que era Mabel. “Vamos”, ela disse.*

Estava muito escuro embaixo da plataforma, e enquanto eu me encolhia, de joelhos, tentando enxergar na escuridão, a n° 7 agarrou meu pescoço.

— Depressa... — ela sussurrou.

— O que está acontecendo aqui? — reclamou uma voz masculina. Ele estava tão perto que senti seu hálito no meu cabelo. — Quem está aí?

Então reconheci a voz. Era de Rocky Gravo. Meu estômago ficou embrulhado. A n° 7 soltou meu pescoço e deslizou para fora da plataforma. Tive medo de que se tentasse me desculpar ou dizer alguma coisa Rocky reconheceria minha voz, então rolei por debaixo da cortina. A n° 7 já estava de pé, indo embora, olhando para trás. Seu rosto estava branco como papel. Nenhum de nós disse nada. Andamos pela pista de dança, tentando parecer

inocentes. A enfermeira estava recolhendo as xícaras sujas de café numa cesta. Então descobri que minhas mãos e roupas estavam sujas de poeira. Eu ainda tinha uns dois minutos antes de o apito soar, então corri para o vestiário para me limpar. Depois de fazer isso, me senti melhor.

“Essa foi por pouco” disse comigo. “Nunca mais faço uma dessas.”

Voltei para a pista quando o apito soou e a orquestra começou a tocar. Não era uma orquestra muito boa, mas era melhor do que o rádio, porque a gente não precisava ouvir um monte de anúncios pedindo e implorando para que a gente comprasse alguma coisa. Depois dessa maratona já ouvi rádio o bastante pelo resto de minha vida. *Tem um rádio ligado agora, num prédio do outro lado da rua, em frente ao tribunal. Dá para ouvir direitinho. “Precisa de dinheiro?... Está com problemas?...”*

— Onde esteve? — Glória perguntou, pegando no meu braço.

— Em lugar nenhum — eu disse. — Quer dançar?

— Tudo bem — ela disse. Dançamos em volta da pista e então ela parou. — É muito parecido com trabalho — ela disse.

Quando tirei a mão de sua cintura percebi que meus dedos estavam sujos de novo.

— Engraçado — pensei. — Acabei de lavar as mãos, agora mesmo. — Vire-se — eu disse para Glória.

— Qual é o problema?

— Vire-se — eu disse.

Ela hesitou, mordeu o lábio e eu me coloquei atrás dela. Ela estava usando uma saia branca de lã e uma blusa fina também de lã branca. Suas costas estavam cobertas de uma poeira grossa, que eu sabia de onde vinha.

— Qual é o problema? — ela disse.

— Fique parada — eu disse.

Tirei a sujeira com a mão, limpando quase toda a poeira e fiapos da blusa e da saia. Ela não disse nada durante um ou dois minutos.

— Devo ter-me sujado quando briguei com Lillian no vestiário — ela disse, por fim.

“Não sou tão idiota quanto ela acha”, disse comigo. — Deve ter sido isso — eu falei.

Rollo Peters aproximou-se de nós, enquanto andávamos pela pista.

— Quem é aquela moça? — perguntei, apontando para a n° 7.

— É a parceira de Guy Duke. O nome dela é Rosemary Loftus.

— Você está babando — disse Glória.

— Só perguntei quem ela era — eu disse. — Não sinto tesão por ela.

— Nem precisa — disse Glória. — Conte para ele, Rollo.

— Estou fora disso — Rollo disse, sacudindo a cabeça. — Não sei nada sobre ela.

— O que tem ela? — perguntei a Glória, quando Rollo foi embora, juntando-se a James e Ruby Bates.

— Você é mesmo tão ingênuo? — ela disse. — De verdade... é mesmo? — ela riu, mexendo a cabeça. — Você é uma figura!

— Tudo bem, esqueça — eu disse.

— Ora, aquela senhora é a maior prostituta do rio Mississippi — ela disse. — É uma prostituta com educação especial, e esse tipo de prostituta é o pior tipo de todos. Nem mesmo as meninas podem ir ao banheiro quando ela está por perto...

— Olá, Glória — a sr^a. Layden chamou.

Ela estava sentada no seu lugar de sempre na arquibancada, na fila da frente no fundo do salão, longe da plataforma do mestre-de-cerimônias. Glória e eu andamos até a grade...

— Como vai o meu par favorito? — perguntou.

— Bem — eu disse. — Como vai a senhora, sr^a. Layden?

— Bem, também — ela disse. — Vou ficar bastante tempo esta noite. Viram? — apontou para o cobertor e para a cesta de comida na cadeira ao lado. — Vou ficar para animar vocês.

— Estamos precisando mesmo — disse Glória.

— Por que não pega um daqueles lugares mais longe do Palm Garden? — perguntei. — Mais tarde fica uma zona no bar, quando todos começam a beber...

— Está bom para mim — ela disse, sorrindo. — Gosto de ficar aqui para o dérbi. Quero ver as voltas. Vocês querem ver o jornal da tarde? — ela perguntou, tirando o jornal que estava embaixo do cobertor.

— Obrigado — eu disse. — Gostaria de saber o que está acontecendo no mundo. Como está o tempo lá fora? O mundo mudou muito?

— Você está me gozando — ela disse.

— Não estou... Parece que estou aqui há milhões de anos... Obrigado pelo jornal, sr^a. Layden...

Enquanto nos afastávamos, andando, desdobrei o jornal. Bati os olhos numa grande manchete preta.

JOVEM ASSASSINO PRESO EM MARATONA DE DANÇA

Criminoso fugitivo participava de competição na praia

Dois detetives prenderam um assassino ontem em uma maratona de dança que acontece na área de lazer em Santa Mônica. Trata-se do italiano Giuseppe Lodi, 26 anos, que há oito meses fugiu da prisão de Illinois, em Joliet, depois de cumprir quatro anos de uma sentença de cinqüenta anos, por ter sido considerado culpado do assassinato de um farmacêutico idoso de Chicago.

Lodi inscreveu-se na maratona de dança sob o pseudônimo de Mário Petrone e não ofereceu resistência quando foi preso pelos detetives Bliss e Voight, da Unidade de Assaltos. Os oficiais contaram que foram à maratona de dança para se divertir e reconheceram Lodi de uma fotografia que viram na “Line-Up”, uma seção de um periódico policial popular que traz fotos e descrições de criminosos procurados pela polícia...

— Dá para agüentar? — eu disse. — Eu estava ao lado dele quando isso aconteceu. Agora estou com pena de Mário.

— Por quê? — disse Glória. — Qual é a diferença?

Pedro Ortega, Mack Aston e mais alguns se juntaram à nossa volta, falando, agitados. Dei o jornal para Glória e fui andar sozinho.

— Isso é muito! — pensei. — Cinquenta anos! Coitado!... *E quando Mário souber do meu caso, se é que vai ficar sabendo, vai pensar: “Coitado! Ficou com pena de mim à toa e agora está com a corda no pescoço...”*.

No descanso seguinte, Socks Donald tinha nos preparado uma surpresa. Mandou fazer uniformes para usarmos durante as corridas do dérbi; tênis, *shorts* brancos, camisetas brancas. Todos os rapazes receberam cintos de couro largos, para usar na cintura, e dos dois lados do cinto tinha uma alça, como numa mala. Era para o parceiro segurar nas alças, quando fizéssemos as curvas. Na hora aquilo me pareceu uma bobagem, mas descobri depois que Socks Donald sabia o que estava fazendo.

— Escutem, moçada — disse Socks. — Hoje à noite vamos começar o nosso primeiro milhão. Muitas estrelas de cinema virão aqui para o dérbi e as pessoas irão atrás delas. Uma equipe vai perder hoje à noite... Todas as noites uma equipe vai perder. Não quero gritaria, porque é jogo limpo. Todos têm a mesma chance. Vocês terão mais tempo para vestir o uniforme e mais tempo para tirá-los. Por falar nisso, falei com Mário Petrone esta tarde. Ele me pediu que dissesse até logo aos amigos dele. Não esqueçam de dar ao público o que eles merecem, por causa do dinheiro deles no dérbi, moçada...

Fiquei surpreso ao ouvi-lo mencionar o nome de Mário, porque na noite anterior, quando foi preso, Socks quis bater nele.

— Pensei que estivesse zangado com o Mário — eu disse a Rollo.

— Não estou mais — disse Rollo. — Esta foi a melhor chance que tivemos. Se não fosse por Mário, ninguém saberia sobre a maratona de dança. A publicidade daquele jornal era tudo o que queríamos. O público fez reservas a tarde toda.

...o sr. Robert Syverten seja entregue...

...capítulo oito

Naquela noite, pela primeira vez desde o início da competição, o salão estava lotado e quase todos os lugares estavam ocupados. O Palm Garden também estava lotado e havia muita risada e conversa em voz alta no balcão.

“Rollo estava certo”, disse comigo. “A prisão de Mário foi a melhor coisa que aconteceu para Socks.” (Mas nem todas aquelas pessoas tinham sido atraídas pela publicidade do jornal. Descobri mais tarde que Socks havia colocado anúncios em várias estações de rádio.)

Fizemos as voltas de uniforme, enquanto os treinadores e as enfermeiras arrumavam a pista para o dérbi.

— Sinto que estou pelado — disse para Glória.

— Parece que você está pelado — ela disse. — Você deveria usar uma sunga.

— Não me deram uma — eu disse. — Está aparecendo muito?

— Não é só por isso — ela disse. — Você pode se machucar. Peça a Rollo que compre uma amanhã. Existem três tamanhos: pequeno, médio e grande. O seu é pequeno.

— Não sou só eu — eu disse, olhando para os outros rapazes.

— Eles estão se exibindo — disse Glória.

A maior parte dos concorrentes ficava engraçada de uniforme. Nunca vi tantos tipos de braços e pernas diferentes em toda minha vida.

— Veja — disse Glória, apontando para James e Ruby Bates. — Que coisa!

Dava para ver que Ruby estava esperando um bebê. Parecia que ela tinha colocado um travesseiro embaixo da camiseta.

— Chama a atenção — eu disse. — Mas lembre-se de que não é da sua conta.

— Senhoras e senhores — Rocky disse ao microfone antes de começarmos o sensacional dérbi, gostaria de chamar sua atenção para as regras. Devido ao número de participantes, o dérbi será feito em duas seções: quarenta pares na primeira e quarenta na segunda. O segundo dérbi será feito logo depois do primeiro, e as entradas serão decididas por sorteio dos números deste chapéu. Vamos fazer os dérbis em duas seções durante uma semana, e o casal que fizer o menor número de voltas será eliminado. Depois da primeira semana, haverá apenas um dérbi. A moçada vai correr em volta da pista por quinze minutos, os rapazes vão correr com os calcanhares e na ponta dos pés, as moças vão trotar ou correr, como preferirem. Não há um prêmio para o vencedor, mas se alguém da platéia quiser dar um prêmio em dinheiro para animar a moçada, tenho certeza de que eles vão gostar. Todos podem ver as camas no meio da pista, as enfermeiras e os treinadores de pé segurando pedaços de laranjas, toalhas molhadas, sais aromáticos e um médico de plantão para ver que nenhum desses jovens continue a correr se não estiver em boas condições físicas.

O jovem médico estava de pé no meio da pista, com o estetoscópio pendurado no pescoço, com um ar muito sério.

— Um minuto, senhoras e senhores... só um minuto — Rocky disse. — Tenho uma nota de dez dólares na mão para o vencedor do dérbi de hoje,

uma contribuição da maravilhosa estrela de cinema, a srta. Ruby Keeler. Uma salva de palmas para Ruby, senhoras e senhores...

Ruby Keeler ficou de pé, agradecendo os aplausos.

— É isso aí, senhoras e senhores — Rocky disse. — E agora precisamos de juizes, senhoras e senhores, para contar as voltas dos pares — ele parou para limpar o suor da fronte. — Tudo bem, senhoras e senhores, quero que esses juizes sejam da platéia: quarenta pessoas. Venham para cá... Não tenham medo...

Ninguém da platéia se mexeu por um instante, e então a sr^a. Layden passou por debaixo da grade e foi em direção à pista. Quando passou por Glória e por mim deu uma piscada e sorriu.

— Talvez ela seja útil no final — disse Glória.

Logo outros seguiram a sr^a. Layden até que todos os juizes foram escolhidos. Rollo deu-lhes um cartão e um lápis e sentou-os no chão em volta da plataforma.

— Tudo bem, senhoras e senhores — disse Rocky. — Já temos juizes. Vamos fazer agora o sorteio para o primeiro dérbi. Tem oitenta números neste chapéu e vamos sortear quarenta. Os outros pares ficarão para o segundo dérbi. Precisamos agora de alguém para fazer o sorteio. Que tal a senhorita? — perguntou para a sr^a. Layden, estendendo o chapéu.

A sr^a. Layden sorriu e fez um movimento com a cabeça.

— Este é um momento importante na vida dela — disse Glória, sarcástica.

— Acho que ela é uma velhinha muito legal — eu

disse.

— Maluca — Glória disse.

A sr^a. Layden começou a tirar os números, passando-os para Rocky, que os anunciava ao microfone.

— O primeiro — ele disse — é o par n^o 105. Aqui, moçada... Todos vocês que forem sorteados fiquem aqui neste lado da plataforma.

Assim que a sr^a. Layden sorteava os números, passava-os para Rocky, que os entregava para um dos juizes. Esse seria o par que ele controlaria, contando o número de voltas.

— ...Par n^o 22 — Rocky disse, entregando o número ao jovem de óculos.

— Ora — eu disse para Glória. — Esse é o nosso número.

— Gosto desse número — ouvi a sr^a. Layden dizer a Rocky. — É meu par favorito.

— Desculpe, senhora — disse Rocky. — Tem de ser na ordem.

Quando o sorteio acabou, estávamos todos juntos perto da linha de partida, Rocky disse:

— Tudo bem, senhoras e senhores, estamos quase prontos. Agora, moçada, lembrem que os rapazes devem correr com os calcanhares e nas pontas dos pés. Se um de vocês for para a arena por algum motivo qualquer, seu parceiro terá de fazer duas voltas em vez de uma. Quer dar o sinal de partida, srta. Keeler?

Ela fez um movimento com a cabeça e Rocky entregou a pistola a Rollo. Ele a entregou para a srta. Keeler, eu estava sentada na arquibancada da fila da frente com uma outra moça que não reconheci. Jolson não estava lá.

— Tudo bem, senhoras e senhores, segurem os chapéus — Rocky disse.
— Tudo bem, srta. Keeler... — ele fez um sinal com a mão para ela.

Glória e eu tínhamos ido para a lateral da plataforma em direção à linha de partida e, quando a srta. Keeler puxou o gatilho, nós demos um pulo, empurrando e dando encontrões para ir para frente. Glória me segurava pelo braço.

— Segure no cinto — gritei, fazendo força para passar por aquela multidão. Todos tropeçavam uns nos outros, tentando ir para frente... Mas depressa nos espalhamos e ficamos andando em volta da pista. Eu dava passos tão compridos que Glória tinha de trotar para me acompanhar.

— Calcanhares e pontas dos pés, você aí — Rollo disse. — Você está correndo.

— Estou fazendo o melhor que posso — eu disse.

— Calcanhares e pontas dos pés — ele disse —, assim...

Ficou na minha frente, para mostrar o que queria. Não foi difícil aprender. O truque era sincronizar os ombros e os braços. Não era difícil fazer isso. Parecia natural. Parecia tão simples que por um momento achei que já tinha andado de calcanhares e nas pontas dos pés antes. Não pude lembrar quando, portanto, ficou claro que nunca tinha andado daquele jeito. Minha memória é excelente.

Estávamos andando há uns cinco minutos, estávamos quase na frente, quando senti que Glória parou de fazer força, ou seja, ela parou de se mover por força própria. Eu a estava arrastando. Sentia como se ela estivesse **tentando puxar o cinto da minha barriga.**

— Depressa demais? — perguntei, diminuindo o passo.

— Sim — ela respondeu, quase sem fôlego.

Uma das enfermeiras jogou uma toalha molhada em volta de meu pescoço, fazendo com que eu quase perdesse o equilíbrio.

— Passe no rosto — eu disse à Glória. Naquele momento o par n° 35 nos cortou, tentando passar na frente. O esforço foi demais para a moça. Ela começou a cambalear, soltando o cinto.

— Fique perto do n° 35 — gritou Rocky Gravo, mas antes que uma enfermeira ou um treinador conseguisse segurá-la, ela caiu no chão de rosto, escorregando mais ou menos um metro para dentro da pista. Se eu estivesse sozinho, poderia ter evitado o corpo, mas com Glória pendurada em mim, tive medo de me afastar e jogá-la para o centro. (Fazer aquelas voltas com uma garota pendurada era como brincar de trenzinho.)

— Cuidado! — gritei, mas era tarde demais. Glória tropeçou no corpo, me arrastando com ela e o que vi em seguida foram quatro ou cinco pares empilhados no chão, tentando se levantar. Rocky disse alguma coisa ao microfone e a multidão gritou.

Levantei. Não estava machucado, só sabia pelo ardor que sentia nos joelhos que estavam esfolados. As enfermeiras e os treinadores correram para nós e arrastaram as moças, levando Glória e Ruby para as camas na arena.

— Nada sério, senhoras e senhores — Rocky disse. — Foi só um tombo... Sempre acontece alguma coisa nos dérbis... Enquanto as moças estão na arena, os rapazes têm de fazer duas voltas para contar como uma para a equipe. Tudo bem, moçada, vamos fazer esses solos na pista interna.

Comecei a andar depressa para não perder nossa posição na corrida. Agora que Glória não estava pendurada no cinto, sentia-me leve como uma pena. Uma enfermeira e um treinador cuidaram dela enquanto o médico escutava seu coração com o estetoscópio. A enfermeira segurava os sais aromáticos sob seu nariz e o treinador massageava suas pernas. Outro

treinador e outra enfermeira faziam o mesmo com Ruby. Fiz quatro voltas até Glória voltar para a pista. Estava muito pálida.

— Você agüenta? — perguntei, diminuindo a velocidade. Ela fez que sim com a cabeça. As pessoas aplaudiam e batiam os pés e Rocky falava palavras ao microfone. Ruby voltou para corrida, também parecendo fraca.

— Calma — disse Rollo, indo para o meu lado. — Você não corre perigo.

Então senti uma dor aguda na perna esquerda que subiu pelo meu corpo e quase explodiu minha cabeça.

— Meu Deus! — disse comigo. — Estou paralisado!

— Chuta, chuta! — disse Rollo.

Bati o pé no chão, mas doeu mais ainda.

— Chuta, chuta!

— Filho-da-puta — eu disse —, minha perna está doendo...

Dois treinadores me agarraram pelos braços e me levaram para a arena.

— Lá vai a corajosa moça do par n° 22 — Rocky anunciou —, a pequena Glória Beatty. Como é corajosa! Está fazendo um solo enquanto seu parceiro está na arena com cãibra... Vejam como ela arrasa na pista! Vamos dar passagem, moçada...

Um dos treinadores me pegou pelos ombros, enquanto o outro esfregou minha perna, batendo nos músculos com os punhos fechados.

— Está doendo — eu disse.

— Calma! — disse o treinador que estava segurando meus ombros. — Nunca teve isso antes?

Então senti uma coisa estalar na minha perna e a dor sumiu.

— Tudo bem! — disse o treinador.

Levantei me sentindo bem, voltei para a pista e fiquei esperando por Glória. Ela estava do outro lado, trotando, levantando a cabeça sempre que dava um passo. Tive de esperar ela chegar. (A regra era que você tinha de entrar na arena no mesmo lugar por onde saiu.) Quando Glória chegou perto de mim, comecei a andar e ela logo pegou no meu cinto.

— Mais dois minutos — Rocky anunciou. — Um pouco de ânimo, senhoras e senhores... — começaram a aplaudir e bater os pés com mais força do que antes.

Outros pares começaram a nos ultrapassar e eu tentei ir mais depressa. Achava que Glória e eu não estávamos em último lugar, mas nós dois fomos para a arena e eu não queria arriscar ser eliminado. Quando a arma disparou anunciando o final, a metade das equipes caiu no chão. Virei para Glória e vi que seus olhos estavam vidrados. Achei que ela ia desmaiar.

— Ei! — gritei para uma das enfermeiras, mas naquele momento Glória caiu e eu tive de levá-la para a arena. — Ei! — gritei para um dos treinadores. — Doutor!

Ninguém me deu atenção. Estavam muito ocupados levantando os corpos. O público estava de pé nas cadeiras, gritando, agitado.

Esfreguei o rosto de Glória com uma toalha úmida. A sr^a. Layden apareceu de repente ao meu lado e pegou um pote de sais aromáticos na mesa ao lado da cama.

— Vá para o vestiário — ela disse. — Glória vai ficar boa daqui a pouco. Não está acostumada a fazer tanto esforço.

Eu estava num barco indo para o porto Said. Ia para o deserto do Saara para fazer aquele filme. Eu era famoso e tinha um monte de dinheiro. Eu

era o diretor mais importante do mundo. Eu era mais importante do que Sergei Eisenstein. Os críticos de Vanity Faire de Esquire achavam que eu era um gênio. Eu andava pelo convés, pensando naquela maratona de dança da qual participei, tentando imaginar o que tinha acontecido com as moças e os rapazes, quando alguma coisa bateu na minha nuca, me deixando inconsciente. Tive a sensação de estar caindo.

Enquanto estava na água, eu mexia os braços e as pernas porque estava com medo dos tubarões. Alguma coisa roçou no meu corpo e gritei de medo.

Acordei nadando em água gelada. Na mesma hora, sabia onde eu estava.

“Tive um pesadelo”, disse comigo.

A coisa que roçou no meu corpo era um bloco de gelo de 45 quilos. Eu estava num tanquinho de água no vestiário. Ainda estava com o uniforme. Saí tremendo e um dos treinadores me deu uma toalha.

Dois outros treinadores entraram, trazendo um dos concorrentes que estava inconsciente. Era Pedro Ortega. Levaram-no para o tanque e o enfiaram lá dentro.

— Foi isso que aconteceu comigo? — perguntei.

— Isso mesmo — disse o treinador. — Você desmaiou assim que saiu da pista de dança...

Pedro disse qualquer coisa em espanhol e se debateu na água, lutando para sair. O treinador riu.

— Sacks sabia o que estava fazendo quando trouxe esse tanque para cá — ele disse. — Essa água gelada dá um jeito neles. Tire as calças e os sapatos molhados.

...pelo xerife do condado de Los Angeles ao diretor da prisão estadual...

...capítulo nove

Horas transcorridas 752

Pares restantes 26

Os dérbis estavam acabando com eles. Cinquenta pares foram eliminados em duas semanas. Glória e eu quase saímos umas duas vezes, mas conseguimos continuar por um triz. Não tivemos mais problemas depois que mudamos de técnica: desistimos de tentar ganhar, não nos importando com a classificação desde que não ficássemos em último lugar.

Também arrumamos um patrocinador: a Cerveja Jonathan, que não engorda. Veio na hora certa. Nossos sapatos estavam gastos, e nossas roupas, esfarrapadas. A sr^a. Layden convenceu a Cerveja Jonathan a nos patrocinar. *Convença São Pedro a me deixar entrar, sr^a. Layden. Acho que estou chegando.* Deram três pares de sapatos, três pares de calças de flanela cinza e três sué— teres para cada um de nós com o nome do produto escrito nas costas.

Eu tinha engordado dois quilos desde o começo da competição e começava a achar que talvez tivéssemos uma chance de ganhar o prêmio de mil dólares. Mas Glória estava muito pessimista.

— O que você vai fazer quando isso acabar? — ela perguntou.

— Por que se preocupar com isso? — eu disse. — Ainda não acabou. Não sei do que você está reclamando — eu disse a ela. — Estamos numa situação melhor do que antes... Pelo menos, sabemos onde vamos comer.

— Queria estar morta — ela disse. — Queria que Deus me matasse.

Ela não parava de dizer isso. Eu estava começando a ficar irritado.

— Um dia Deus vai fazer esse favorzinho a você — eu disse.

— Queria tanto que fizesse mesmo... Queria ter coragem de fazer isso por Ele.

— Se ganharmos essa coisa, você pode pegar seus quinhentos dólares e ir para qualquer lugar — eu disse. — Você pode se casar. Tem um monte de sujeitos querendo se casar. Nunca pensou nisso?

— Já pensei muito nisso — ela disse. — Mas nunca conseguiria casar com o tipo de homem que quero. O único tipo que se casaria comigo é aquele que não quero. Um ladrão, um cafetão, ou algo parecido.

— Sei por que você está tão mórbida — eu disse. — Vai se sentir bem dentro de alguns dias. Vai se sentir melhor.

— Não tem nada a ver — ela disse. — Não estou nem com dores nas costas. Não é isso. Isso aqui é um turbilhão. Quando sairmos daqui, vamos estar no mesmo lugar onde estávamos antes de começar.

— Nós comemos e dormimos — eu disse.

— E de que adianta isso, se isso apenas significa adiar uma coisa que vai mesmo acontecer?

— Ei, Cerveja Jonathan — Rocky Gravo chamou. — Venham aqui...

Ele estava perto da plataforma com Socks Donald. Glória e eu fomos até lá.

— Que tal vocês dois ganharem cem dólares? — Rocky perguntou.

— Para fazer o quê? — Glória perguntou.

— Bem, moçada — disse Socks Donald —, tive uma idéia bacana que só precisa de uma ajuda...

— É! — disse Socks. — Eu queria que vocês se casassem aqui. Um casamento público.

— Casar? — eu disse.

— Espera aí! — disse Socks. — Não é tão ruim assim. Dou cinquenta dólares para cada um e depois que a maratona acabar vocês podem se divorciar, se quiserem. Não tem que ser para valer. É só pelo espetáculo. O que acham?

— Que você ficou maluco — Glória disse.

— Ela não quis dizer isso, Sr. Donald... — eu disse.

— Quis dizer isso sim — ela disse. — Não tenho nada contra o casamento — ela disse a Socks —, mas por que não escolhe Gary Cooper ou um produtor ou diretor dos bons? Não quero me casar com esse sujeito. Já tenho muitos problemas para cuidar de mim...

— Não tem de ser para valer. É só pelo espetáculo.

— É isso aí — Socks disse. — Claro que a cerimônia será de verdade... Temos de fazer isso para atrair público. Mas...

— Vocês não precisam de nenhum casamento para atrair público — Glória disse. — A casa já está cheia de gente. Já não é um espetáculo

mostrar esses pobres— coitados caindo no chão todas as noites?

— Você não entendeu meu ponto de vista — disse Socks, de cara fechada.

— Entendi sim — Glória disse. — Sou bem mais esperta do que você.

— Você quer trabalhar no cinema e esta é sua chance — Socks disse. — Já arrumei lojas para dar o vestido de noiva e os sapatos, e um salão de beleza para arrumar você... Vai ter um monte de diretores e supervisores e eles vão olhar só para você. É sua grande chance. O que você acha, garotão? — perguntou para mim.

— Não sei... — eu disse, não querendo deixá-lo bravo. Afinal, ele era o organizador. Eu sabia que se ele ficasse bravo conosco, logo estaríamos desclassificados.

— Ele disse que não — Glória disse.

— Ela pensa por ele — Rocky disse, sarcástico.

— Tudo bem — disse Socks, dando de ombros. — Se vocês não precisam de cem dólares, talvez outro casal precise. Pelo menos — disse para mim — vocês sabem quem é que manda na sua família.

Ele e Rocky riram.

— Não dá para ser um pouco educada? — eu disse à Glória, quando nos afastamos. — Seremos dispensados a qualquer momento.

— Tanto faz hoje como amanhã — ela disse.

— Você é a pessoa mais deprimida que conheço — eu disse. — Às vezes acho que você estaria melhor se estivesse morta.

— Eu sei — ela disse.

Quando voltamos à plataforma vi Socks e Rocky falando sério com Vee Lovell e Mary Hawfey, o par nº 71.

— Parece que Socks está tentando vender seu peixe — Glória disse. — A égua Hawley não ia ficar fora dessa.

James e Ruby Bates se juntaram a nós e nós quatro seguimos juntos. Estávamos nos dando bem de novo desde que Glória parara de tentar convencer Ruby a fazer um aborto.

— Socks propôs que vocês se casassem? — perguntou Ruby.

— Sim — eu disse. — Como sabe?

— Ele propôs para todo mundo — ela disse.

— Recusamos sem nem piscar — Glória disse.

— Um casamento público não é tão ruim assim — Ruby disse. — Nós casamos...

— Vocês? — eu disse, surpreso. James e Ruby eram tão sérios, calmos e tão apaixonados um pelo outro que eu não podia imaginar que tivessem se casado em público.

— Casamos numa maratona de dança em Oklahoma — ela disse. — Também ganhamos uns trezentos dólares em presentes...

— O coroa dela nos deu uma arma de presente de casamento... — James disse, rindo.

De repente uma moça gritou atrás de nós. Viramos. Era Lillian Bacon, a parceira de Pedro Ortega. Ela estava andando para trás, tentando fugir dele. Pedro a alcançou e bateu no seu rosto com o punho cerrado. Ela se sentou no chão, gritando de novo. Pedro a pegou pelo pescoço com as duas mãos,

sufocando-a e tentando levantá-la. Seu rosto era de um louco. Sem dúvida ele estava tentando matá-la.

Todo mundo correu em direção a ele ao mesmo tempo. A confusão foi grande.

James e eu chegamos primeiro, agarrando-o e fazendo-o soltar o pescoço de Lillian. Ela estava sentada no chão, o corpo rígido, os braços para trás, a cabeça caída, a boca aberta, como um paciente na cadeira do dentista.

Pedro murmurava algo e parecia não reconhecer nenhum de nós. James o empurrou e ele cambaleou para trás. Peguei Lillian pelas axilas, ajudando-a a ficar de pé. Ela tremia como uma dançarina do ventre.

Socks e Rocky chegaram correndo e pegaram Pedro pelo braço.

— Qual é? — Socks urrou.

Pedro olhou para Socks, mexeu os lábios, mas não disse nada. Então viu Rocky e a expressão de seu rosto mudou para um ressentimento feroz. De repente, conseguiu soltar os braços, deu uns passos para trás e pôs a mão no bolso.

— Cuidado... — gritou uma pessoa.

Pedro se jogou para frente com uma faca na mão. Rocky tentou desviar, mas tudo foi tão depressa que ele não conseguiu. A faca o pegou no braço esquerdo a cinco centímetros do ombro. Ele gritou e começou a correr. Pedro se virou para segui-lo, mas antes que conseguisse dar um passo, Socks o golpeou na nuca com um cassetete. Deu para ouvir o golpe por cima da música do rádio. Parecia uma pessoa enfiando o dedo numa melancia. Pedro ficou parado ali, de pé, com um sorriso idiota no rosto e Socks bateu de novo nele com o cassetete.

Os braços de Pedro se soltaram e a faca caiu no chão. As pernas ficaram bambas e ele caiu.

— Tirem ele daqui — Socks disse, pegando a faca.

James Bates, Mack Aston e Vee Lovell levantaram

Pedro e o levaram para o vestiário.

— Fiquem sentados, senhoras e senhores... — Socks disse ao público.
— Por favor...

Eu estava segurando Lillian pelas costas. Ela ainda tremia.

— O que aconteceu? — Socks perguntou a ela.

— Ele me acusou de enganá-lo... — ela disse. — Depois me bateu e começou a me estrangular...

— Vamos, moçada — Socks disse. — Continuem como se não tivesse acontecido nada. Ei, enfermeira... Ajude essa moça a ir para o vestiário... — Socks fez um sinal para Rollo na plataforma e a sirene tocou para o período de descanso. Faltavam poucos minutos. A enfermeira levou Lillian de meus braços e todas as moças se juntaram em volta dela, indo para o vestiário.

Enquanto eu me afastava, pude ouvir Rollo fazer os anúncios de praxe nos alto-falantes.

Rocky estava perto da pia, sem paletó e camisa, dando pancadinhas com toalhas de papel no ombro. O sangue escorria pelo braço, chegando até os dedos.

— É melhor ver um médico — Socks disse. — Que droga, onde está o médico? — ele gritou.

— Aqui... — disse o médico, saindo do banheiro.

— A única vez em que precisamos de você, você está ocupado com seu traseiro — disse Socks. — Examine o Rocky.

Pedro estava estendido no chão com Mack Aston prendendo suas pernas e mexendo em sua barriga, como um salva-vidas com um afogado.

— Veja... — Vee Lovell disse, chegando com um balde de água. Mack deu um passo para trás e Vee jogou a água no rosto de Pedro. Não teve nenhum efeito. Ele estava estendido ali como um tronco de madeira.

James Bates trouxe outro balde de água e despejou-o em cima de Pedro. Naquele momento ele começou a dar sinais de vida. Ele se mexeu e abriu os olhos.

— Ele está voltando a si — disse Vee Lovell.

— É melhor levar Rocky para o hospital no meu carro — disse o médico, tirando o jaleco. — O corte é profundo, quase até o osso. Terá de ser costurado. Quem fez isso?

— Aquele filho-da-puta... — Socks disse, apontando para Pedro com a perna.

— Parece que usou uma navalha — o médico disse.

— Isso aqui... — Socks disse, entregando a faca. Socks estava com o cassetete na outra mão, a alça ainda presa no pulso.

— É a mesma coisa — disse o médico, devolvendo a faca.

Pedro se sentou, mexendo no queixo, com um ar atordoado.

“Não foi no queixo”, eu disse para ele, mentalmente, “foi na nuca”.

— Pelo amor de Deus, vamos embora — Rocky disse ao médico. — Estou sangrando como um porco. E você, seu filho-da-puta — ele disse para Pedro —, vou dar parte de você na polícia...

Pedro olhou para ele, violento, sem dizer nada.

— Não vai dar parte coisa nenhuma — Socks disse.

— Já tenho muito trabalho para manter isto aberto. Da próxima vez, tome cuidado quando você quiser enganar alguém.

— Não enganei ninguém — Rocky disse.

— Foda-se — Socks disse. — Doutor, leve-o pela porta dos fundos.

— Tudo bem, Rocky — disse o médico.

Rocky começou a andar. O curativo provisório em seu braço já estava encharcado. O médico colocou um casaco sobre os ombros de Rocky e eles saíram.

— Está tentando acabar com a competição? — Socks perguntou, dando toda a atenção a Pedro. — Por que não espera o fim para acabar com ele?

— Tentei cortar o pescoço dele — Pedro disse, calmo, escolhendo as palavras. — Ele seduziu minha noiva...

— Se ele seduziu sua noiva aqui, ele é um mágico — disse Socks —, não tem nenhum lugar para seduzir ninguém aqui.

“Eu conheço um lugar”, pensei comigo.

Rollo Peter entrou no vestiário.

— Vocês devem dormir, moçada — ele disse. — Onde está Rocky? — perguntou, olhando em volta.

— O médico o levou para o hospital — Socks disse.

— Como está lá fora?

— Estão mais calmos — Rollo disse. — Eu disse que estamos ensaiando uma novidade. O que aconteceu com Rocky?

— Não foi nada — disse Socks. — Quase perdeu o braço por causa do carcamano, só isso. — E entregou a faca de Pedro. — Pegue essa coisa e jogue fora. Faça os anúncios até sabermos algo de Rocky.

Pedro levantou do chão.

— Desculpe eu ser tão esquentado...

— Poderia ter sido pior — disse Socks. — Poderia ter sido à noite, quando a casa fica cheia. Como está sua cabeça?

— Está doendo — disse Pedro. — Lamento o acontecido. Eu queria ganhar os mil dólares...

— Ainda tem uma chance — disse Socks.

— Quer dizer que não fui desclassificado? Quer dizer que vai me desculpar?

— Vou... — disse Socks, guardando o cassete no bolso.

...para ser, pelo referido diretor..

...capítulo dez

Horas transcorridas 783

Pares restantes 26

— Senhoras e senhores — Rocky anunciou — antes de começar o dérbi, a direção me pediu que eu contasse a vocês que vai haver uma cerimônia pública de casamento aqui na semana que vem... um casamento real, legítimo, bem aqui na pista, do par n° 71, Vee Lovell e Mary Hawley. Venham aqui, Vee e Mary, para que o público veja que lindo casal vocês formam...

Vee e Mary, de uniforme, foram para o centro da pista, receber os aplausos. O salão estava cheio de novo.

— ...isto é — Rocky disse —, se eles não forem eliminados no dérbi. Esperamos que não. A cerimônia de casamento público faz parte da política

da direção de oferecer divertimento de altíssimo nível...

A sr^a. Layden puxou minha camiseta.

— O que houve com o braço de Rocky? — ela perguntou em voz baixa.

Dava para perceber que Rocky tivera um acidente. A manga do braço esquerdo do seu casaco estava em ordem, mas o braço esquerdo estava numa tipóia e casaco o cobria como um manto.

— Deu um mau jeito — eu disse.

— Só levou nove pontos — Glória disse, baixinho.

— É por isso que ele não estava aqui ontem à noite

— disse a sr^a. Layden. — Ele sofreu um acidente...

— É isso aí.

— Ele caiu no chão?

— É isso aí, acho que sim...

— ...queremos apresentar a maravilhosa estrela do cinema, a srta. Mary Brian. Quer se levantar, srta. Brian?

A srta. Brian se levantou. O público aplaudiu.

— ...e o famoso comediante, sr. Charley Chase... Mais aplausos quando Charley Chase se levantou e fez uma reverência.

— Odeio essas apresentações — Glória disse.

— Boa sorte... — disse a sr^a. Layden, quando nos dirigimos à plataforma.

— Estou cheia disso — disse Glória. — Estou cheia de olhar para as celebridades e estou cheia de fazer sempre a mesma coisa...

— Às vezes me arrependo de ter conhecido você — eu disse. — Não gosto de dizer isso, mas é verdade. Antes de conhecer você eu não sabia como era estar perto de gente deprimida.

Nós nos juntamos aos outros pares na linha de partida.

— Estou cansada de viver e tenho medo de morrer

— Glória disse.

— Ora, essa é uma idéia legal para uma música — disse James Bates, que escutou tudo. — Você podia compor uma música sobre um velho negro no rio que estava cansado de viver e tinha medo de morrer. Ele poderia estar carregando algodão e enquanto isso cantava uma música para o rio Mississipi. Ora, sei de um bom título... você podia chamar de *Old Man River*...

Glória lançou olhares fulminantes para ele, mexendo no nariz.

— A senhora aí... — Rocky chamou a sr^a. Layden, que tinha chegado à plataforma. — Senhoras e senhores... — ele disse ao microfone gostaria de apresentar a campeã mundial dos fãs de maratonas de dança... uma senhora que não perdeu nenhuma noite desde o início da competição. É a sr^a. Layden; e a produção ofereceu a ela um passe livre válido para toda a temporada. Uma salva de palmas para a sr^a. Layden, senhoras e senhores. Levante-se, sr^a. Layden...

A sr^a. Layden hesitou um momento, muito desconcertada, sem saber o que fazer ou dizer. Mas quando o público aplaudiu, ela deu um passo à frente e fez uma reverência desajeitada. Dava para ver que foi uma das maiores surpresas de sua vida.

— Vocês que são fãs de dança já a viram antes — Rocky disse. — Ela é do júri do dérbi todas as noites... Nós não teríamos um dérbi, se não fosse por ela. A senhora gosta de maratona de danças, sr^a. Layden? — ele perguntou, inclinando-se e levando o microfone até ela.

— Ela odeia dérbis — Glória disse, baixinho. — Ela jamais viria a uma maratona, seu filho-da-puta...

— Gosto sim — disse a sr^a. Layden. Estava tão nervosa que mal conseguia falar.

— Qual é seu par favorito, sr^a. Layden?

— Meu par favorito é o n^o 22: Robert Syverten e Glória Beatty.

— O par favorito dela é o n^o 22, senhoras e senhores, patrocinado pela Cerveja Jonathan que não engorda. A senhora está torcendo para eles ganharem, não é?

— Sim, e se eu fosse mais jovem, estaria participando da maratona.

— Muito bem. Muito obrigado, sr^a. Layden. Tudo bem... Quero agora oferecer à senhora o passe livre, sr^a. Layden, um presente da produção. A senhora pode vir aqui quando quiser, sem pagar...

A sr^a. Layden aceitou o passe. Ela estava tão tomada pela gratidão e emoção que sorria e chorava ao mesmo tempo.

— Outro grande momento — disse Glória.

— Cale a boca! — eu disse.

— Tudo bem. Os juizes estão prontos? — Rocky perguntou, endireitando-se.

— Todos prontos — disse Rollo, ajudando a sr^a. Layden a se sentar na fileira do júri.

— Senhoras e senhores — Rocky anunciou —, a maior parte de vocês já conhece as regras do dérbi, mas vou explicar para os que estão assistindo pela primeira vez, para que saibam do que se trata. A moçada corre em volta da pista por quinze minutos, os rapazes pisando nos calcanhares e nas pontas dos pés, as moças correndo ou trotando, como quiserem. Se por algum motivo um deles for para a arena (a arena é o centro da pista onde estão as camas de ferro), se por algum motivo um deles for para a arena, o parceiro tem de fazer duas voltas na pista, valendo por uma. Está claro?

— Vamos logo com isso! — uma pessoa do público gritou.

— As enfermeiras e os treinadores estão prontos? O médico está aqui? Tudo bem — ele entregou a arma para Rollo. — Pode dar a partida, srta. Delmar? — Rocky perguntou ao microfone. — Senhoras e senhores, a srta. Delmar é uma famosa escritora e romancista de Hollywood...

Rollo levou a arma para a srta. Delmar.

— Segurem seus chapéus, senhoras e senhores — Rocky gritou. — Orquestra, pronta para começar. Tudo bem, srta. Delmar...

Ela disparou a pistola e nós partimos.

Glória e eu deixamos que os cavalos de corrida dessem o ritmo. Não fizemos nenhum esforço para ficar na frente. Nosso esquema era chegar a um ritmo estável e mantê-lo. Não havia nenhum prêmio especial em dinheiro naquela noite. Mesmo se tivesse, não faria diferença para nós.

O público aplaudiu e bateu os pés, pedindo grandes emoções, mas naquela noite não tiveram nenhuma. Só uma moça, Ruby Bates, foi para a arena, e só por duas voltas. E pela primeira vez em semanas ninguém caiu no chão quando a corrida acabou.

Mas aconteceu uma coisa que me assustou. Glória puxou meu cinto com mais força e durante mais tempo do que nunca. Nos últimos cinco minutos do dérbi parecia que ela não tinha mais força própria. Eu praticamente a arrastei pela pista. Tive uma sensação de que escapamos por pouco de ser eliminados. *Nós quase perdemos. Mais tarde naquela noite, a sr^a. Layden me contou que conversou com o homem que estava nos controlando. Nós só fizemos duas voltas a mais do que os perdedores. Aquilo me apavorou. Decidi que a partir daquele momento era melhor esquecer o nosso esquema e aumentar a velocidade.*

Os perdedores foram Basil Gerard e Geneva Tomblin, o par nº 16. Foram desclassificados imediatamente. Eu sabia que Geneva estava contente quando tudo acabou. Poderia então se casar com o capitão do barco que ela conheceu na primeira semana da competição.

Geneva voltou para a pista, enquanto estávamos comendo. Estava vestida para sair e trazia uma pequena mala.

— Senhoras e senhores — Rocky disse ao microfone aqui está uma pessoa maravilhosa, que foi eliminada hoje. Não está linda? Uma salva de palmas, senhoras e senhores...

O público aplaudiu e Geneva inclinou a cabeça para todos os lados, enquanto desfilava na plataforma.

— Isso é espírito esportivo, senhoras e senhores... Ela e seu parceiro perderam um dérbi difícil, mas ela está sorrindo. Vou contar um segredo para vocês, senhoras e senhores — aproximou o rosto do microfone e falou bem alto, em tom de fofoca ela está apaixonada e vai se casar. Isso mesmo, senhoras e senhores, a maratona de dança é o berço do romance, porque

Geneva vai se casar com um homem que ela conheceu bem aqui neste salão. Ele está presente, Geneva? Ele está aqui?

Geneva fez que sim com a cabeça, sorrindo.

— Onde está esse sujeito de sorte? — Rocky perguntou. — Onde está? Levante-se, comandante, e receba os aplausos...

O público todo esticou o pescoço, olhando em volta.

— Ali está ele! — Rocky gritou, apontando para o outro lado do salão. Um homem pulou a cerca da arquibancada e estava andando na pista em direção à Geneva. Tinha o andar típico de um marinheiro.

— Diga alguma coisa, comandante — Rocky disse, inclinando o apoio do microfone.

— Me apaixonei por Geneva na primeira vez em que a vi — o marinheiro disse para o público — e dois dias depois pedi a ela que abandonasse a maratona de dança e se casasse comigo. Mas ela disse que não, que não queria largar seu parceiro. Então eu tive que ficar por aqui. Agora estou contente que ela foi desclassificada e mal posso esperar pela lua-de-mel...

O público estourou na gargalhada. Rocky endireitou o microfone.

— Uma chuva de moedas para a noiva, senhoras e senhores...

O comandante pegou o microfone e o aproximou da boca.

— Não precisa dar nenhuma contribuição, minha gente — ele disse. — Acho que sou capaz de tomar conta dela...

— É o próprio Popeye — Glória disse.

Não houve chuva de moedas. Nem uma única moeda caiu no chão.

— Vocês vêm com ele é modesto — disse Rocky. — Mas acho que posso contar a vocês que ele é o capitão do *Pacific Queen*, um navio de quatro mastros que agora é uma barca de iscas, ancorada a três milhas do píer. Há táxis aquáticos a toda hora durante o dia, e se algum de vocês quiser uma boa pescaria em alto-mar, procure o comandante...

— Dá um beijo nela, seu idiota — gritou uma pessoa do público.

O comandante beijou Geneva e a levou para fora da pista sob os aplausos e gritos do público.

— É o segundo casamento que a maratona de dança está promovendo, senhoras e senhores — Rocky anunciou. — Não se esqueçam da nossa maravilhosa cerimônia de casamento na próxima semana, quando o par n° 71, Vee Lovell e Mary Hawley, vai se casar bem diante de vocês. Podem começar — disse para a orquestra.

Basil Gerard deixou o vestiário com roupa de sair e foi para a mesa receber a última refeição por conta da casa.

Rocky se sentou na plataforma, balançando as pernas.

— Cuidado com meu café — Glória disse.

— Ok, ok — Rocky disse, movendo um pouco a xícara. — Como está a comida?

— Está boa — eu disse.

Duas senhoras de meia-idade aproximaram-se de nós. Eu as tinha visto muitas vezes antes, sentadas nos camarotes.

— O senhor é o gerente? — uma delas perguntou a Rocky.

— Não exatamente — disse Rocky. — Sou o assistente. O que desejam?

— Sou a sr^a. Higby — a mulher disse. — Esta é a sr^a. Witcher. Podemos conversar em particular?

— Este é o lugar mais particular que temos por aqui — Rocky disse. — O que desejam?

— Somos a presidente e a vice-presidente...

— Qual é o problema? — perguntou Socks Donald, chegando por trás de mim.

— Ele é o gerente — Rocky disse, parecendo aliviado.

As duas mulheres olharam para Socks.

— Somos a presidente e a vice-presidente da Liga das Mães em prol da Moralidade...

— Ui! — Glória disse, baixinho.

— Sim?

— Temos um comunicado para o senhor — disse a sr^a. Higby, entregando um papel dobrado nas mãos dele.

— E do que se trata? — Socks perguntou.

— Só isso — disse a sr^a. Higby. — Nossa Liga em prol da Moralidade condenou sua competição...

— Espera aí — Socks disse. — Vamos ao meu escritório conversar sobre isso...

A sr^a. Higby olhou para a sr^a. Witcher, que fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Muito bem — disse.

— Vocês dois venham comigo. Rocky, você também. Ei, enfermeira, leve essas xícaras e pratos embora. — Ele sorriu para as duas mulheres e disse: — Vejam bem, não permitimos que a moçada faça nada que desperdice energia. Por aqui, senhoras...

Ele indicou o caminho saindo por trás da plataforma para seu escritório, num canto do prédio. Enquanto andávamos junto, Glória fingiu tropeçar, caindo com força sobre a sr^a. Higby, segurando sua cabeça com os braços.

— Oh, desculpe... perdão— Glória disse, olhando para o chão, para ver sobre o que tropeçara.

A sr^a. Higby não disse nada e ajeitou seu chapéu, olhando furiosamente para Glória, que me deu um cutucão e piscou, sem que a sr^a. Higby visse.

— Lembrem-se, meninos, vocês são testemunhas — Socks sussurrou quando entramos em seu escritório, que antes tinha sido uma sala e era bem pequeno.

Notei que pouca coisa mudara desde o dia em que Glória e eu fôramos nos inscrever na maratona. A única mudança eram dois retratos de mulheres peladas que Socks prendeu na parede. A sr^a. Higby e a sr^a. Witcher viram os retratos na mesma hora e trocaram olhares cúmplices.

— Sentem-se, senhoras — disse Socks. — Então, qual é o problema?

— A Liga das Mães em prol da Moralidade condenou sua competição — disse a sr^a. Higby. — Decidimos que é uma influência vulgar, degradante e pernicioso para a comunidade. Decidimos que o senhor deve fechar...

— Fechar?

— Agora mesmo. Se o senhor se recusar iremos à Assembléia Municipal. Essa competição é vulgar e degradante...

— As senhoras não compreenderam direito — disse Socks. — Não há nada de degradante nesta competição. Ora, os jovens adoram. Todos ganharam peso desde que a competição começou...

— Há uma moça nessa competição que vai ser mãe — disse a sr^a. Higby uma tal de Ruby Bates. É um crime permitir que essa moça corra e ande o dia todo, quando seu bebê está para nascer. Além disso, é chocante vê-la exibindo-se quase pelada para todo mundo. Acredito que ela deveria ter a decência de vestir um casaco...

— Bem, senhoras — disse Socks. — Nunca pensei desse jeito. Ruby sempre me pareceu saber o que estava fazendo, e nunca prestei atenção à sua barriga. Mas entendo seu ponto de vista. Querem tirá-la da competição?

— Com toda certeza — disse a sr^a. Higby.

A sr^a. Witcher fez que sim com a cabeça.

— Tudo bem, senhoras — disse Socks —, como quiserem. Sou fácil de negociar. Também pagarei a conta do hospital... Obrigado por me advertirem. Vou cuidar disso agora mesmo...

— Isso não é tudo — disse a sr^a. Higby. — O senhor pretende fazer uma cerimônia pública de casamento na semana que vem ou apenas anunciou isso para atrair um bando de idiotas?

— Nunca fui um impostor na minha vida — disse Socks. — O casamento é verdadeiro. Jamais enganaria os clientes dessa forma. Podem perguntar para qualquer pessoa que trabalha comigo o tipo de homem que sou...

— Conhecemos bem sua reputação — disse a sr^a. Higby. — E nem assim posso acreditar que o senhor vai patrocinar um sacrilégio desses...

— Os dois que vão se casar estão apaixonados — disse Rocky.

— Não vamos permitir essa zombaria — disse a sr^a. Higby. — Exigimos que o senhor acabe com essa competição agora mesmo!

— O que vai ser desses jovens se ele acabar com a competição? — Glória perguntou. — Vão voltar direto para a rua...

— Não tente justificar nada, mocinha — disse a sr^a. Higby. — Essa competição é perversa. Atrai maus elementos. Um dos participantes era um assassino refugiado, o italiano de Chicago...

— Bem, senhoras, não podem me culpar por isso também — disse Socks.

— Claro que sim! Estamos aqui porque é nosso dever manter a cidade limpa e livre desse tipo de influência...

— As senhoras se importariam se eu e meu assistente saíssemos para conversar um pouco? — Socks pediu. — Talvez encontremos um jeito...

— ...muito bem — disse a sr^a. Higby.

Socks caminhou em direção a Rocky e os dois saíram.

— As senhoras têm filhos? — Glória perguntou, quando a porta se fechou.

— Nós duas temos filhas adultas — disse a sr^a. Higby.

— Sabem onde elas estão hoje à noite e o que estão fazendo?

Nenhuma das duas mulheres disse nada.

— Talvez eu possa lhes dar uma idéia — Glória disse. — Enquanto as senhoras, duas nobres personalidades, estão aqui cumprindo seu dever com pessoas que nem conhecem, suas filhas provavelmente estão sem roupas no apartamento de algum sujeito enchendo a cara.

A sr^a. Higby e a sr^a. Witcher prenderam a respiração ao mesmo tempo.

— É o que acontece em geral com as filhas de reformadores — Glória disse. — Mais cedo ou mais tarde elas transam com alguém e a maioria não sabe nem evitar encrenca. Vocês as afastam de casa com seus malditos sermões sobre pureza e decência, e ficam muito ocupadas se metendo na vida dos outros para poder ensinar a elas...

— Ora! — disse a sr^a. Higby, com o rosto cada vez mais vermelho.

— Eu... — disse a sr^a. Witcher.

— Glória... — eu disse.

— Está na hora de alguém falar isso para essas mulheres — disse Glória, ficando de costas para a porta, como se para evitar que as mulheres saíssem —, e sou quem vai fazer isso. Vocês são daquele tipo de vaca que se enfia no banheiro para ler livros de sacanagem e contar histórias sujas e depois anda por aí tentando estragar a festa dos outros...

— Saia da frente desta porta, mocinha, e deixe— nos sair daqui! — gritou a sr^a. Higby. — Me recuso a escutá-la. Sou uma senhora respeitável. Sou professora da escola dominical...

— Não vou me mexer nem um milímetro, enquanto eu não acabar — disse Glória.

— Glória...

— Sua Liga da Moralidade e seus malditos clubes de mulheres — ela disse, sem prestar atenção em mim — cheios de vacas intrometidas que não dão uma bela trepada há mais de vinte anos. Por que as senhoras não saem por aí e pagam por uma de vez em quando? É isso que está errado com vocês...

A sr^a. Higby avançou em Glória, o braço levantado como se fosse bater nela.

— Vamos lá! Pode me bater — Glória disse, sem se mexer. — Pode me bater! Se encostar a mão em mim, eu acabo com você.

A porta abriu, empurrando Glória. Socks e Rocky entraram.

— Essa... essa... — disse a sr^a. Higby, sacudindo o dedo apontado para Glória.

— Não vacile — Glória disse —, pode falar. A senhora consegue dizer: puta. P-U-T-A.

— Cale a boca! — Socks disse. — Senhoras, eu e meu assistente decidimos aceitar qualquer sugestão que tiverem...

— Nossa sugestão é que fechem este lugar agora mesmo! — disse a sr^a. Higby. — Ou iremos para a Assembléia Municipal pela manhã...

Começou a sair, seguida pela sr^a. Witcher.

— Mocinha — disse a sr^a. Higby para Glória —, você deveria estar num reformatório!

— Já estive num — Glória disse. — Tinha uma velha como a senhora tomando conta. Ela era lésbica...

A sr^a. Higby prendeu a respiração de novo e saiu, seguida pela sr^a. Witcher.

Glória bateu a porta, quando saíram, sentou na cadeira e começou a chorar. Cobriu o rosto com as mãos e tentou conter o choro, mas não conseguiu. Aos

poucos inclinou o corpo para frente, ficando dobrada, tremendo e sacudindo pela emoção, como se tivesse perdido o controle da parte superior de seu corpo. Durante um minuto o único barulho do quarto eram seus soluços e o barulho das ondas subindo e descendo, que se ouvia pela janela meio aberta.

Então Socks foi até ela e pôs a mão com carinho sobre a cabeça dela.

— Não foi nada, mocinha — disse. — Não conte para ninguém — disse para mim. — É um segredo.

— Não vou contar nada — eu disse. — Teremos de fechar?

— Acho que não — Socks disse. — Só que teremos de dar uma grana para alguém. Vou falar com meu advogado amanhã. Enquanto isso, Rocky, conte a novidade para Ruby. Ela tem de ir embora. Muitas mulheres estão reclamando por causa dela — ele olhou para a porta. — Eu devia ter ficado na minha — ele disse. — Malditas filhas-da-puta...

...punido com a pena de morte e executado...

...capítulo onze

Horas transcorridas 855

Pares restantes 21

GUERRA NA MARATONA DE DANÇA CONTINUA

A Liga das Mães ameaça organizar um comício, se a Assembléia Municipal não encerrar a competição.

TERCEIRO DIA DE CONTROVÉRSIA

A Liga das Mães em prol da Moralidade continua sua guerra contra a maratona de dança, ameaçando levar a questão diretamente aos cidadãos, se a Assembléia Municipal não encerrar o evento. A maratona de dança está sendo realizada em um balneário há 36 dias.

As sras. Franklin Higby e William Wallace Witcher, presidente e vice-presidente da Liga das Mães em prol da Moralidade, compareceram à Assembléia Municipal de novo esta tarde, protestando contra a continuidade da dança. Foram informadas pela Assembléia de que o

procurador municipal estava fazendo um estudo completo das leis para determinar os passos legais a serem tomados.

“Não podemos fazer nada antes de sabermos o que diz a lei”, disse Tom Hinsdell, presidente da Assembléia. “Até agora não encontramos nenhum estatuto específico que trate do assunto, mas o procurador municipal está examinando as leis.”

“A Assembléia Municipal hesitaria da mesma forma, se uma praga ameaçasse a cidade?”, perguntou a sr^a. Higby. “Claro que não. Se não existem leis específicas para essa situação, que se aprovem leis emergenciais. A maratona de dança é uma praga; é vulgar e degradante, e no mesmo local há um bar que serve de ponto de encontro para bandidos, contrabandistas e conhecidos criminosos. Certamente não é um local decente para nossos filhos...”

Devolvi o jornal para a sr^a. Layden.

— O sr. Donald nos disse que seu advogado falou que a cidade não pode fazer nada — eu disse.

— Não faz diferença — disse a sr^a. Layden. — Aquelas mulheres estão determinadas a fechar isto aqui, pela lei ou sem lei.

— Não vejo nenhum problema com a maratona — eu disse —, mas elas têm razão quanto ao bar. Vi uns tipos mal-encarados no Palm Garden... Quanto tempo a senhora calcula que vão levar para fechar isto aqui?

— Não sei — ela disse. — Mas vão conseguir. O que você vai fazer depois?

— A primeira coisa que vou fazer é tomar sol — eu disse. — Eu adorava a chuva e odiava o sol, mas agora é o contrário. Não tem muito sol aqui dentro...

— E depois, o que vai fazer?

— Ainda não tenho nenhum plano — eu disse.

— Entendo. Onde está Glória?

— Foi vestir o uniforme. Ela volta num minuto.

— Ela está começando a ficar fraca, não é? O médico disse que teve de examinar seu coração várias vezes.

— Isso não quer dizer nada — eu disse. — Ele tem de examinar o coração de todo mundo. Glória está bem.

Ela não estava bem e eu sabia disso. Estávamos com muitos problemas durante os dérbis. Nem sei como demos conta das últimas duas noites. Glória entrou e saiu da arena um monte de vezes durante as duas corridas. Mas não tirei nenhuma conclusão só porque o médico examinou seu coração seis ou sete vezes ao dia. Eu sabia que ele jamais encontraria o problema dela com um estetoscópio.

— Venha cá, Robert — disse a sr^a. Layden.

Era a primeira vez que ela usava meu nome e fiquei um pouco constrangido. Aproximei-me da grade, mexendo o corpo para que ninguém dissesse que eu estava quebrando as regras da competição, por ficar parado. O salão estava lotado de gente.

— Você sabe que sou sua amiga, não é? — disse a sr^a. Layden.

— Sim, senhora, sei disso.

— Você sabe que eu arrumei o patrocinador, não é?

— Sim, senhora, sei disso.

— Você confia em mim, não é?

— Sim, senhora, confio.

— Robert, a Glória não é o tipo certo de moça para você.

Eu não disse nada, esperando pelo que viria em seguida. Nunca entendi por que a sr^a. Layden tinha tanto interesse por mim, a não ser que... Mas não era possível. Ela tinha idade para ser minha avó.

— Ela nunca vai prestar para nada — disse a sr^a. Layden. — É uma pessoa má e vai arruinar sua vida. Não quer ter sua vida arruinada, não é?

— Ela não vai arruinar minha vida — eu disse.

— Prometa que quando sair daqui não irá nunca mais vê-la.

— Ah, eu não vou me casar com ela, nem nada parecido — eu disse. — Não estou apaixonado por ela. Ela é legal. Só fica um pouco deprimida de vez em quando.

— Ela não é deprimida — disse a sr^a. Layden. — Ela é amarga. Ela odeia tudo e todos. Ela é cruel e perigosa.

— Não sabia que a senhora achava isso dela, sr^a. Layden.

— Sou uma mulher velha — ela disse. — Sou uma mulher muito, muito velha. Sei o que estou dizendo. Quando isso acabar, Robert — ela disse, de repente. — Não sou tão pobre quanto você acha. Pareço pobre, mas não sou pobre. Sou rica. Sou muito rica. Sou muito excêntrica. Quando você sair daqui...

— Olá — disse Glória, surgindo de repente.

— ...Olá — disse a sr^a. Layden.

— Qual é o problema? — Glória perguntou, depressa. — Estou interrompendo alguma coisa?

— Não, você não está interrompendo nada — eu disse a ela.

A sr^a. Layden abriu o jornal e começou a ler. Glória e eu andamos até a plataforma.

— O que ela estava falando sobre mim? — Glória perguntou.

— Nada — eu disse. — Estávamos falando sobre o fim da maratona...

— Vocês também estavam falando sobre outra coisa. Por que ela calou o bico quando eu cheguei perto?

— Você está imaginando coisas — eu disse.

— Senhoras e senhores — Rocky disse ao microfone, e quando o público fez silêncio —, ou, talvez, depois de ler o jornal eu devesse dizer, “Colegas Idiotas”.

As pessoas estouraram na gargalhada, entenderam o que ele quis dizer.

— Vocês podem ver que continuamos com o campeonato mundial de maratona de dança — ele disse e vamos continuar até que sobre apenas um concorrente, o vencedor. Gostaria muito de agradecer por terem vindo esta noite e gostaria de lembrar que amanhã é a noite que vocês não podem perder, nossa cerimônia pública de casamento do par n^o 71, Vee Lovel e Mary Hawley, que vão se casar bem aqui, diante de vocês, diante de um conhecido pastor da cidade. Se ainda não fizeram suas reservas, é melhor que façam logo. E agora, antes do dérbi começar, gostaria de apresentar algumas de nossas celebridades — olhou para um pedaço de papel. — Senhoras e senhores, um dos nossos convidados de honra é nada mais nada

menos do que o maravilhoso astro de cinema Bill Boyd. Aplausos para o Bill.

Bill Boyd (do cinema) ficou de pé, fazendo uma reverência, enquanto o público aplaudia.

— Agora um outro astro do cinema e do palco, Ken Murray. Ken está com um grupo de convidados importantes. Será que poderia vir até a plataforma e apresentá-los?

O público aplaudiu com entusiasmo. Murray hesitou, mas pulou a grade e foi até a plataforma.

— Tudo bem, gente — ele disse, pegando o microfone. — Primeiro uma jovem atriz, a srta. Anita Louise...

A srta. Louise ficou de pé.

— E agora a srta. June Clyde...

A srta. Clyde ficou de pé.

— A srta. Sue Carol...

A srta. Carol ficou de pé.

— ...Tom Brown...

Tom Brown ficou de pé.

— ...Thornton Freeland...

Thornton Freeland ficou de pé.

— E é só, gente...

Murray apertou a mão de Rocky e voltou para seu grupo.

— Senhoras e senhores — Rocky disse.

— Temos aqui também um importante diretor que ainda não foi apresentado — eu disse a Glória. — É Frank Borzage. Vamos falar com ele...

— Para quê? — Glória disse.

— Ele é um diretor. Ele pode ajudar você a entrar para o cinema...

— Dane-se o cinema — disse Glória. — Queria estar morta...

— Eu vou — eu disse.

Andei pela pista até os camarotes, sentindo muita vergonha. Duas ou três vezes quase perdi a coragem e voltei.

— Vale a pena — pensei comigo. — Ele é um dos melhores diretores do mundo. Um dia serei tão famoso quanto ele e então vou lembrá-lo disso...

— Olá, sr. Borzage — eu disse.

— Olá, filho — ele disse. — Você vai ganhar hoje?

— Espero que sim... Assisti *No Greater Glory*. Achei muito legal — eu disse.

— Que bom que você gostou...

— Quero ser diretor um dia — eu disse. — Um diretor como o senhor...

— Espero que consiga — ele disse.

— Bem, até logo...

Voltei para a plataforma.

— Aquele é Frank Borzage — eu disse a Kid Kamm.

— É mesmo?

— Ele é um grande diretor — expliquei.

— Ah! — Kid disse.

— Tudo bem— Rocky falou. — Os juizes estão prontos? Estão com os pontos, Rollo? Tudo bem, moçada...

Fomos para a linha de partida.

— Não vamos arriscar hoje — sussurrei para Glória. — Não podemos marcar bobeira...

— Nas marcações, moçada — Rocky disse. — Enfermeiras e treinadores, fiquem por perto. Segurem seus chapéus, senhoras e senhores. Orquestra, preparar...

Ele mesmo disparou a arma.

Glória e eu partimos, abrindo caminho para o segundo lugar, bem atrás de Kid Kamm e Jackie Miller. Eles estavam na frente, na posição que em geral era de James e Ruby Bates. Quando dei a primeira volta pensei em James e Ruby, onde será que estariam. Sem eles, aquilo não parecia um dérbi.

No final da primeira volta Mack Aston e Bess Cartwright nos ultrapassaram e foram para o segundo lugar. Comecei a andar de calcanhar e na ponta dos pés mais depressa do que nunca. Eu sabia que era necessário. Todos os mais fracos tinham sido eliminados. Todos aqueles pares eram rápidos.

Fiquei em terceiro lugar durante seis ou sete voltas e o público começou a gritar e berrar para que ultrapassássemos. Fiquei com medo de

tentar. Dá para ultrapassar uma equipe rápida na curva, mas é preciso muita energia. Até ali Glória estava agüentando bem, mas eu não queria pressioná-la demais. Não ficava preocupado enquanto ela conseguia se mover.

Depois de oito minutos comecei a sentir calor. Arranquei a camiseta e joguei-a para o treinador. Glória fez o mesmo. A maioria das garotas estava sem camiseta e o público urrava. Quando as garotas tiravam as camisetas ficavam apenas de sutiã e seus peitos balançavam enquanto trotavam.

“Está tudo bem até agora, se ninguém nos desafiar” pensei comigo.

Naquele momento fomos desafiados. Pedro Ortega e Lillian Bacon estavam correndo ao lado, tentando entrar na curva. Era quase o único jeito de ultrapassar um par, mas não era tão fácil assim. Era preciso ficar dois passos à frente na linha reta e depois fazer uma virada abrupta na curva. Era isso que Pedro estava pensando em fazer. Eles trombaram em nós na curva, mas Glória conseguiu ficar de pé e eu a arrastei, mantendo nossa posição.

Ouvi o público segurar a respiração e sabia que alguém deveria estar caindo. No mesmo instante ouvi um corpo caindo no chão. Não olhei. Continuei a correr. Isso já era rotina para mim. Quando cheguei na reta e pude olhar sem perder o ritmo, vi que era Mary Hawley, a parceira de Vee Lovell, que estava na arena. As enfermeiras e os treinadores estavam em volta dela e o médico estava usando o estetoscópio...

— Deixem a parte interna para o desacompanhado - Rocley gritou.

Eu mudei de lugar e Yee me ultrapassou. Agora ele tinha que fazer duas voltas para cada volta nossa. Ele olhou para arena quando passou, com uma expressão de agonia no rosto. Eu sabia que ele não estava sofrendo, estava apenas querendo saber quando sua parceira sairia de lá... Na quarta volta sozinho, ela levantou e se juntou a ele.

Fiz um sinal para a enfermeira pedindo uma toalha úmida e na volta seguinte ela a jogou em volta de meu pescoço. Segurei uma das pontas com os dentes.

— Faltam quatro minutos - Rocky gritou.

Foi um dos dérbis mais apertados que tivemos. Kid e Jackie mantinham um ritmo impressionante. Eu sabia que Glória e eu não corríamos perigo, se mantivéssemos o ritmo, mas não dava para saber quando a parceira iria desmoronar. Depois de um certo ponto a gente se mexia automaticamente, sem ter consciência de estar em movimento. Num momento a gente estava no máximo da velocidade e no momento seguinte começava a cair. Era disso que eu tinha medo em relação a Glória, que ela desmoronasse. Ela estava começando a se pendurar no meu cinto.

— Continue! — gritei para ela, em pensamento, diminuindo um pouquinho, achando que estava aliviando a pressão sobre ela. Pedro e Lillian estavam só esperando por isso. Passaram correndo por nós, pegando o terceiro lugar. Bem atrás de mim eu ouvia o barulho dos outros e percebi que todos estavam bem atrás de Glória. Eu não tinha mais margem nenhuma.

Levantei o quadril. Era um sinal para Glória se segurar firme no cinto. Ela entendeu, pegando com a mão direita.

“Graças a Deus”, pensei comigo. Era um bom sinal. Era uma prova de que ela estava com as idéias certas.

— Mais um minuto — Rocky anunciou.

Mandeí bala. Kid Karnm e Jackie diminuíram o ritmo, atrasando um pouco Mack e Bess e Pedro e Lillian. Glória e eu estávamos entre eles e os outros. Era uma posição ruim. Rezei para que ninguém atrás de nós tivesse energia para uma puxada final porque percebi que o menor encontrão faria Glória perder o ritmo e cair. E se alguém caísse no chão naquela hora...

Usei toda minha força para avançar, para dar um passo à frente, para tirar a ameaça que vinha vindo... Quando a arma disparou anunciando o final, me virei para pegar Glória. Mas ela não desmaiou. Ela cambaleou para meus braços, molhada de suor, fazendo esforço para respirar.

— Quer uma enfermeira? — Rocky gritou da plataforma.

— Ela está bem — eu disse. — É só descansar um minuto.

A maioria das moças precisou de ajuda para ir ao vestiário, mas os rapazes se juntaram em volta da plataforma para ver quem tinha sido desclassificado. Os juizes deram as folhas com as contas para Rollo e Rocky, que as verificaram.

— Senhoras e senhores — Rocky anunciou em seguida. — Temos aqui o resultado do dérbi mais sensacional que vocês já viram. Em primeiro lugar, o par n° 18, Kid Kamm e Jackie Miller. Em segundo lugar, Mack Aston e Bess Cartwright. Em terceiro lugar, Pedro Ortega e Lillian Bacon. Em quarto lugar, Robert Syverten e Glória Beatty. Esses foram os vencedores... e agora os derrotados... a última equipe a terminar... o par que pelas regras está desclassificado e eliminado da maratona de dança. É o par n° 11, Jere Flint e Vera Rosenfield...

— Você está louco! — Jere Flint gritou alto o bastante para que todos no salão o ouvissem. — Isso está errado — ele disse, chegando mais perto da plataforma.

— Pode checar — Rocky disse, entregando-lhe as folhas com as contas.

— Queria que tivéssemos sido nós — Glória disse, levantando a cabeça.
— Queria ter perdido a corrida...

— Psiu! — eu disse.

— Não ligo a mínima para o que está escrito neste papel. Está errado!
— Jere Flint disse, devolvendo o papel para Rocky. — Sei que está errado.

Como é possível que sejamos eliminados, se não éramos os últimos?

— Você consegue contar as voltas enquanto está correndo? — Rocky perguntou. Estava tentando desmoralizar Jere. Ele sabia que era impossível fazer isso.

— Não consigo — Jere disse. — Mas sei que não fomos para a arena e que Mary foi. Estávamos na frente de Vee e Mary e terminamos à frente deles...

— O que acha, moço? — Rocky perguntou a um homem que estava por perto. — Você checkou o par n° 11...

— Você está enganado, cara — o homem disse para Jere. — Eu chequei com cuidado...

— Que pena, rapaz— disse Socks Donald, passando pelo grupo de juizes. — Você teve azar...

— Não foi azar. Foi armação — Jere disse. — Você não consegue enganar ninguém. Se Vee e Mary fossem desclassificados, não haveria um casamento amanhã....

— Ora essa — disse Socks. — Corram para o vestiário...

— Ok — disse Jere. Foi até o homem que tinha feito a checagem dele e de Vera e perguntou: — Quanto Socks pagou por isso?

— Não sei do que você está falando...

Jere virou de lado e deu-lhe um soco na boca, derrubando-o no chão.

Socks correu até Jere, colocou-se na posição de defesa e ficou olhando para ele com a mão no bolso de trás.

— Se você me apontar o cassete, ele vai descer pela sua goela — Jere disse a ele. E afastou-se, atravessando a pista em direção ao vestiário.

O público estava de pé, falando sem parar, tentando entender o que estava acontecendo.

— Vamos nos arrumar — eu disse a Glória.

**...no dia 19 do mês de setembro, no Ano da Graça de Nosso Senhor,
de 1935...**

...capítulo doze

Horas transcorridas 879

Pares restantes 20

Glória esteve mórbida o dia todo. Perguntei um monte de vezes o que ela estava pensando.

— Nada — era a resposta.

Percebo agora como fui burro. Eu deveria saber sobre o que ela estava pensando. Lembrando agora daquela noite, não entendo como pude ser tão burro. Mas naquela época eu era um idiota a respeito de um monte de coisas... O juiz está sentado ali, fazendo seu discurso, me olhando pelos seus óculos, mas suas palavras têm o mesmo efeito sobre o meu corpo como sua visão em relação aos óculos-, atravessam sem parar, destruindo cada olhar e cada palavra que seguem. Não estou escutando o juiz com meus ouvidos e meu cérebro, assim como as lentes dos óculos não pegam e aprisionam os olhares que as atravessam. Eu o escuto com os pés e as pernas e as costas e os braços e tudo menos meus ouvidos e meu cérebro. Com meus ouvidos e meu cérebro escuto um vendedor de jornal na rua gritando alguma coisa sobre o rei Alexandre, escuto os bondes passando na rua, escuto os carros, escuto os avisos dos semáforos; na sala do tribunal

escuto as pessoas respirando e mexendo os pés, escuto a madeira de um banco estalando, escuto o pingo de uma pessoa cuspidor. Tudo isso eu escuto com meus ouvidos e meu cérebro, mas escuto o juiz apenas com meu corpo. Se algum dia você escutar um juiz dizer a você o que ele está dizendo para mim, você vai entender o que quero dizer.

Era um dia em que Glória não tinha nenhum motivo para estar mórbida. As pessoas entraram e saíram o dia inteiro, desde o meio-dia o salão estava lotado, e agora, um pouco antes do casamento, havia poucos lugares vazios, e a maioria estava reservada. O salão inteiro estava decorado com tantas bandeiras e flâmulas vermelhas, brancas e azuis que você ficava esperando ouvir os fogos de artifício estourar e a banda tocar o hino nacional. O dia todo tinha sido agitado: os trabalhadores decorando o salão, os boatos de que as mulheres da Liga em prol da Moralidade viriam pôr fogo no salão... e dois conjuntos de roupa nova que a Cerveja Jonathan mandou para Glória e para mim.

Era um dia em que Glória não tinha nenhum motivo para estar mórbida, mas estava.

— Rapaz! — um homem chamou do camarote.

Eu nunca o tinha visto antes. Ele fazia sinal para que eu me aproximasse.

“Não vai ficar muito tempo nessa cadeira”, disse a ele, em pensamentos. “Esse é o lugar da sr^a. Layden. Quando ela chegar, você vai ter que sair.”

— Você é o rapaz do par n^o 22? — perguntou.

— Sim — eu disse.

— Onde está sua parceira?

— Está ali — respondi, apontando para a plataforma onde Glória estava junto com as outras garotas.

— Vá chamá-la — o homem disse. — Quero conhecê-la.

— Tudo bem — eu disse, indo buscar Glória. “Quem será ele?”, perguntei a mim mesmo.

— Há um homem ali querendo conhecer você — eu disse a Glória.

— Não quero conhecer ninguém.

— Ele não é nenhum pé-rapado — eu disse. — Está bem vestido. Parece alguém importante.

— Não me importo com sua aparência — ela disse.

— Ele pode ser um produtor — eu disse. — Talvez você tenha sorte com ele. Talvez essa seja a sua chance.

— Foda-se a minha chance! — ela disse.

— Vamos — eu disse. — O homem está esperando.

Por fim ela foi comigo.

— Esse negócio de cinema é um horror — ela disse. — Você tem de conhecer gente que você não quer conhecer e tem de ser simpática com gente que você odeia. Fico contente de ter acabado com isso.

— Você está apenas começando — eu disse, tentando animá-la. *Não prestei atenção à observação dela na hora, mas percebo agora que foi a coisa mais reveladora que ela disse.*

— Aqui está ela — eu disse ao homem.

— Vocês não sabem quem eu sou, não é? — o homem perguntou.

— Não, senhor...

— Meu nome é Maxwell — ele disse. — Sou o gerente de marketing da Cerveja Jonathan.

— Como vai, sr. Maxwell? — eu disse, estendendo a mão para cumprimentá-lo. — Essa é minha parceira

Glória Beatty. Gostaria de agradecer por nos patrocinar.

— Não agradeça a mim — ele disse. — Agradeça à sr^a. Layden. Ela chamou minha atenção para vocês. Receberam os pacotes de hoje?

— Sim, senhor — eu disse as roupas chegaram na hora certa. Nós estávamos mesmo precisando de roupas. As maratonas de dança estragam as roupas. Já veio aqui antes?

— Não. E não teria vindo se a sr^a. Layden não tivesse insistido. Ela fala muito nos dérbis. Vai ter um hoje à noite?

— Uma coisinha como um casamento não impediria o dérbi — eu disse. — Vai ser logo depois da cerimônia...

— Adeus... — Glória disse, indo embora.

— Eu disse alguma coisa errada? — perguntou o sr. Maxwell.

— Não, senhor... ela precisa ir lá para receber as últimas instruções. O casamento vai começar daqui a pouco.

Ele franziu a testa e percebi que ele sabia que eu estava mentindo para esconder os maus modos de Glória. Ele olhou para Glória andando na pista por um minuto e depois olhou para mim.

— Quais são as chances de vocês ganharem o dérbi hoje? — ele perguntou.

— Temos uma boa chance — eu disse. — Mas o mais importante não é vencer, e sim não perder. Se você fica por último, é desclassificado.

— Suponha que a Cerveja Jonathan ofereça 25 dólares ao vencedor — ele disse. — Você acha que teria uma chance de vocês ganharem?

— Com certeza faríamos uma força enorme — eu disse a ele.

— Nesse caso... Tudo bem — ele disse, me examinando de cima a baixo. — A sr^a. Layden me disse que você gostaria de fazer cinema.

— Sim — eu disse. — Mas não como ator, eu quero ser diretor.

— Não gostaria de um emprego no ramo de cervejas, heim?

— Não acredito que eu...

— Já dirigiu um filme?

— Não, senhor, mas não tenho medo de tentar. Sei que poderia me dar bem — eu disse. — Ah, não um grande filme como Boleslawsky ou Mamoulian ou King Vidor fariam. Uma outra coisa no começo...

— Por exemplo...

— Bem, um curta-metragem, de dois ou três rolos. Sobre a rotina de um catador de ferro velho ou a vida de um homem comum, sabe, de alguém que ganha trinta dólares por semana e tem de criar filhos, comprar uma casa, um carro e um rádio. O tipo de sujeito que os cobradores estão sempre perseguindo. Uma coisa diferente, com enquadramentos para ajudar a história...

— Entendo — ele disse.

— Não queria aborrecê-lo — eu disse mas é tão raro eu encontrar alguém que me escute que não consigo parar de falar.

— Não estou aborrecido. Na verdade, estou muito interessado — ele disse. — Mas talvez eu tenha falado muito...

— Boa noite — disse a sr^a. Layden, entrando no camarote.

O sr. Maxwell se levantou.

— Esse é o meu lugar, John. Sente-se aqui — disse a sr^a. Layden.

O sr. Maxwell riu e pegou outra cadeira.

— Como você está bonito! — disse a sr^a. Layden para mim.

— É a primeira vez na vida que uso um smoking — eu disse, corando.
— O sr. Donald alugou smokings para todos os rapazes e vestidos para as moças. Vamos participar da marcha nupcial.

— O que acha dele, John? — a sr^a. Layden perguntou ao sr. Maxwell.

— Ele é legal — disse o sr. Maxwell.

— Confio cegamente na opinião de John — a sr^a. Layden disse para mim. Comecei a entender por que o sr. Maxwell estava me fazendo tantas perguntas.

— ...Por aqui, gente — Rocky disse ao microfone — ... por aqui, senhoras e senhores. Já vamos começar a cerimônia pública de casamento de Vee Lovell e Mary Hawley, o par n^o 71, e lembrem-se, por favor, de que quando o casamento acabar a diversão não terá acabado. Estará só começando, só começando. Depois do casamento, teremos o dérbi...

Aproximou-se de Socks Donald e sussurrou algo para ele.

— Senhoras e senhores — Rocky anunciou. — Tenho o grande prazer de apresentar o pastor que vai fazer a cerimônia, um pastor que todo mundo conhece, o reverendo Oscar Gilder. O senhor pode vir até aqui, sr. Gilder?

O ministro foi para a pista e andou até a plataforma sob os aplausos do público.

— Vão para seus lugares — Socks disse para nós.

Fomos para os lugares designados para nós, as

moças de um lado da plataforma e os rapazes do outro.

— Antes de começar a grande marcha nupcial — disse Rocky —, gostaria de agradecer a todos que tornaram este evento possível — olhou para uma folha de papel. — O vestido da noiva foi doado pelo sr. Samuels da loja Bon-Top. O senhor pode se levantar, sr. Samuels?

O sr. Samuels se levantou, recebendo os aplausos.

— Os sapatos foram doados pela loja de sapatos Main Street. O sr. Davis está aqui? Levante-se, sr. Davis.

O sr. Davis se levantou.

— As meias e... hã... vocês-sabem-o-quê de seda foram doadas pelo bazar Polly Darling. Onde está o sr. Lightfoot?

O sr. Lightfoot se levantou e o público gritou.

— O cabelo foi penteado pelo salão de beleza Pompadour. A srta. Smith está aqui?

A srta. Smith se levantou.

— A roupa do noivo, dos pés à cabeça, foi doada pela companhia Tower Outfitting. O sr. Tower...?

— Todas as flores do salão e as flores que as garotas estão usando foram um presente da floricultura Sycamore Ridge. O sr. Dupré...?

O sr. Dupré se levantou.

— E agora, senhoras e senhores, entrego o microfone ao reverendo Oscar Gilder, que vai presidir a cerimônia para essa gente maravilhosa...

Entregou o apoio do microfone para Rollo, que o deixou em frente à plataforma. O reverendo Gilder veio atrás, fez um movimento com a cabeça para a orquestra e a marcha nupcial começou a tocar.

A procissão começou com os rapazes de um lado e as moças do outro, andando até o fundo do salão e depois voltando até o pastor. Era a primeira vez em que eu via algumas das moças com outras roupas que não calças compridas ou uniformes de corrida.

Tínhamos ensaiado a marcha duas vezes à tarde e nos ensinaram a fazer uma parada completa antes de dar outro passo. Quando os noivos apareceram, vindos de trás da plataforma, o público gritou e aplaudiu.

A sr^a. Layden acenou com a cabeça para mim quando eu passei.

Na plataforma ficamos em nossos lugares, enquanto Vee e Mary, Kid Kam e Jackie Miller, o padrinho e a madrinha, continuaram até onde o pastor estava. Ele pediu à orquestra que parasse e começou a cerimônia. Durante a cerimônia toda fiquei olhando para Glória. Não tive tempo para dizer a ela como tinha sido mal-educada com o sr. Maxwell e por isso tentei chamar sua atenção para que ela soubesse que eu tinha um monte de coisas para lhe dizer quando ficássemos juntos.

— E agora, eu vos declaro marido e mulher — disse o dr. Gilder. Ele abaixou a cabeça e começou a rezar: — *O Senhor é meu pastor: nada me faltará. Em verdes pastagens me faz repousar, conduz-me até às fontes tranqüilas e reanima minha vida, guia-me pelas sendas da justiça por causa de seu nome. Ainda que eu ande por um vale tenebroso, não temo mal algum, porque tu estás comigo; teu bordão e teu cajado me confortam. Diante de mim preparas a mesa, bem à vista dos meus inimigos; tu me*

unges com óleo a cabeça, e minha taça transborda. Sim, prosperidade e graça me seguem, todos os dias de minha viáa; habitarei na casa do Senhor, por longos dias.

Quando o pastor acabou Vee timidamente beijou Mary na face e nós nos espalhamos. O salão vibrou com os aplausos e gritos.

— Um momento... só um momento — Rocky gritou ao microfone.
— Um momento, senhoras e senhores...

A confusão logo acabou e naquele instante, do outro lado do salão, no Palm Garden, ouviu-se um barulho, claro e nítido, de vidro quebrando.

— Não! — gritou um homem.

Ouviram-se mais cinco tiros, tão próximos que pareciam um único barulho. O público urrou no mesmo instante.

— Fiquem nos seus lugares! Fiquem nos seus lugares! — Rocky gritou...

Os outros rapazes e moças estavam correndo em direção ao Palm Garden para ver o que tinha acontecido e eu me juntei a eles. Socks Donald passou por mim, colocando a mão no bolso de trás.

Pulei a grade de uma arquibancada vazia e segui Socks até o Palm Garden. Um monte de gente formou um círculo e ficou olhando para baixo e falando entre si. Socks abriu caminho e eu o segui.

Tinha um homem morto no chão.

— Quem fez isso? — Socks perguntou.

— Aquele cara ali... — disse uma pessoa.

Socks foi para lá e eu fui atrás. Fiquei surpreso ao ver que Glória estava bem atrás de mim.

O homem que tinha dado os tiros estava de pé junto ao bar, apoiado no cotovelo. Sangue corria de seu rosto. Socks foi até ele.

— Ele começou, Socks — o homem disse. — Queria me matar com uma garrafa de cerveja...

— Monk, seu filho-da-puta... — Socks disse, batendo nele com o cassetete.

Monk cambaleou contra o balcão, mas não caiu. Socks continuou a bater em seu rosto com o cassetete, cada vez mais, espalhando sangue por toda parte e em todos que estavam por perto. Ele bateu até que o homem caiu no chão.

— Ei, Socks — uma pessoa disse.

A poucos metros dali um outro grupo de pessoas formou um círculo, olhando para baixo e falando entre si. Abrimos caminho... e lá estava ela.

— Puta que o pariu! — disse Donald Socks.

Era a sra. Layden, com um único buraco no meio da testa. John Maxwell estava ajoelhado ao seu lado, segurando a cabeça dela... depois deitou a cabeça dela devagar no chão e se levantou. A cabeça da sra. Layden virou devagar para o lado e uma poça de sangue que tinha se acumulado no buraco do olho espirrou no chão.

John Maxwell olhou para Glória e para mim.

— Ela estava se aproximando para ser juíza no dérbi — ele disse, — quando foi atingida por uma bala perdida...

— Queria que tivesse sido eu — disse Gloria, em voz baixa.

— Puta que o pariu! — disse Socks Donald.

Estávamos todos reunidos no vestiário das moças. Havia poucas pessoas no salão, só a polícia e alguns repórteres.

— Acho que vocês já sabem por que eu os trouxe aqui — Socks disse devagar e acho que já sabem o que vou dizer. Não adianta nada a gente se sentir mal pelo acontecido... São coisas que acontecem. É duro para vocês e é duro para mim. A maratona começou tão bem... Rocky e eu conversamos muito e decidimos pegar o prêmio de mil dólares e dividir entre vocês... e eu vou pôr mais mil do meu bolso. Isso vai dar cinquenta dólares para cada um de vocês. Acham justo?

— Sim — dissemos.

— Não há nenhuma chance de continuarmos? — perguntou Kid Kamm.

— Nenhuma — Socks disse, fazendo não com a cabeça. — Não, com a Liga em prol da Moralidade atrás de nós...

— Moçada — Rocky disse -, foi muito divertido e foi muito legal trabalhar com vocês. Talvez um dia possamos ter uma outra maratona de dança...

— Quando vamos receber a grana? — Vee Lovell perguntou.

— Amanhã cedo — disse Socks. — Se algum de vocês quiser ficar aqui hoje à noite, tudo bem. Mas se quiserem ir embora, nada os prende aqui. Vou arrumar a grana para vocês depois das dez da manhã. Agora vou dizer até logo... Tenho de ir para a delegacia

**...como estabelecido pelas leis do
Estado da Calif6rnia. E...**

...capítulo treze

Glória e eu andamos pela pista de dança, meus calcanhares fazendo tanto barulho que nem pareciam meus. Rocky estava na porta da frente com um policial.

— Para onde vocês vão? — Rocky perguntou.

— Vamos tomar um pouco de ar — Glória disse.

— Vão voltar?

— Vamos — eu disse a ele. — Só vamos tomar um pouco de ar. Faz tanto tempo que não saímos ao ar livre...

— Não demorem — Rocky disse, olhando para Glória e molhando os lábios de modo expressivo.

— Vá à merda! — Glória disse, saindo.

Passava das duas da madrugada. O ar estava úmido, espesso e limpo. Tão espesso e limpo que eu sentia meus pulmões devorando o ar em imensos pedaços.

“Aposto que estão contentes por receber este tipo de ar”, eu disse aos meus pulmões.

Virei para trás e olhei para o edifício.

— Então foi nesse lugar que estivemos o tempo todo — eu disse. — Agora sei como Jonas se sentiu quando olhou para a baleia.

— Vamos — disse Glória.

Andamos em volta do prédio em direção ao píer. O píer se estendia pelo oceano até onde a vista alcançava, subindo e descendo, gemendo e estalando com o movimento da água.

— **É um mistério as ondas não levarem esse píer embora — e disse.**

— Você é obcecado por ondas — Glória disse.

— Não, não sou — eu disse.

— Você só fala nisso há um mês...

— Tudo bem, fique parada um minuto e vai entender o que estou dizendo. Dá para sentir o sobe e desce...

— Posso sentir isso sem ficar parada — ela disse mas isso não é motivo de preocupação. Isso acontece há milhões de anos.

— Não fique pensando que sou louco pelo oceano — eu disse. — Tudo bem se eu nunca mais vir o oceano. Já vi o bastante pelo resto de minha vida.

Sentamos num banco que estava úmido dos borrifos do mar. No fim do píer vários homens pescavam à beira do trapiche. A noite estava escura, não tinha lua nem estrelas. Uma linha irregular de espuma branca marcava a praia.

— A brisa está gostosa — eu disse.

Glória não disse nada, olhando para longe. Lá embaixo na praia tinha um lugar com luzes.

— Ali é Malibu — eu disse. — Onde todas as estrelas de cinema moram.

— O que você vai fazer agora? — ela disse, por fim.

— Não sei direito. Pensei em procurar o sr. Maxwell amanhã. Talvez ele possa fazer alguma coisa. Ele parecia interessado de verdade.

— Sempre amanhã — ela disse. — A grande chance sempre vem amanhã.

Passaram dois homens, carregando varas de pescar. Um deles arrastava um tubarão-martelo atrás de si.

— Essa criancinha não vai fazer mais nenhum estrago — ele disse para o outro homem...

— O que você vai fazer? — eu perguntei a Glória.

— Vou pular fora desse carrossel — ela disse. — Estou de saco cheio desta coisa nojenta.

— Que coisa?

— A vida — ela disse.

— Por que não tenta ajudar a si mesma? — eu disse. — Você sempre toma a atitude errada em todas as coisas.

— Não me venha com sermões — ela disse.

— Não estou fazendo sermão — eu disse mas você tem de mudar de atitude. É sério. Isso afeta todo mundo que chega perto de você. Eu, por

exemplo. Antes de conhecer você eu não achava que poderia fracassar. Nunca pensei em não dar certo. E agora...

— Quem ensinou você a falar desse jeito? — ela perguntou. — Você nunca pensaria isso por você.

— Sim, eu pensei — eu disse.

Ela olhou para o oceano em direção a Malibu.

— Ah, de que adianta eu enganar a mim mesma? — ela disse, depressa. — Sei qual é meu lugar...

Eu não disse nada, fiquei olhando para o oceano e pensando em Hollywood, pensando se já tinha estado lá, ou se acordaria de novo em Arkansas e teria de correr e pegar meu jornal antes que amanhecesse.

—...Filho-da-puta — Glória dizia para si. — Não precisa me olhar desse jeito — ela disse. — Sei que não presto...

“Ela tem razão”, disse comigo. “Ela tem toda razão. Ela não presta...”

— Queria ter morrido naquela vez em Dallas — ela disse. — Sempre achei que o médico salvou minha vida por uma única razão...

Eu não disse nada quando escutei isso, ainda olhando para o oceano e pensando em como ela estava certa sobre não prestar e que não foi legal ela não ter morrido naquela vez em Dallas. Com certeza ela estaria melhor se estivesse morta.

— Sou uma desajustada. Não tenho nada para dar para ninguém — ela dizia. — Pare de me olhar desse jeito

— ela disse.

— Não estou olhando para você de nenhum jeito — eu disse. — Você não está vendo meu rosto...

— Estou sim — ela disse.

Ela estava mentindo. Ela não podia ver meu rosto. Estava muito escuro.

— Você não acha que devemos entrar? — eu disse. — Rocky queria ver você...

— Aquele... — ela disse. — Sei o que ele quer, mas ele nunca mais vai conseguir. Nem ninguém mais.

— O quê? — eu disse.

— Você não sabe?

— Não sei o quê? — eu disse.

— O que Rocky quer.

— Ah! — eu disse. — Claro. Agora caiu a ficha.

— É o que todos os homens querem — ela disse —, mas tudo bem. Ah, não foi ruim dar para o Rocky. Ele me fez um favor e eu fiz um favor a ele... Mas, e se eu me encrenquei?

— Você não está achando que sim, está? — perguntei.

— Sim, estou. Até agora sempre tomei conta de mim. E se eu tiver uma criança? — ela disse. — Você já sabe o que ela vai ser quando crescer, não é? Como nós. Não quero isso. De qualquer modo, estou acabada. Acho este mundo podre e estou acabada. Eu estaria melhor se estivesse morta, assim como todo mundo. Eu estrago tudo que chega perto de mim. Você mesmo disse isso.

— Quando foi que eu disse uma coisa dessas?

— Agora mesmo. Você disse que antes de me conhecer nunca tinha pensado em fracassar... Bem, não é minha culpa. Não tenho controle. Já tentei me matar uma vez, mas não consegui e nunca mais tive coragem para tentar de novo... Quer fazer um favor ao mundo? — ela perguntou.

Eu não disse nada, fiquei escutando o oceano bater contra a balaustrada, sentindo o píer subir e descer e pensando que ela estava certa sobre o que dissera.

Glória estava remexendo na bolsa. Quando tirou a mão de dentro, vi que estava segurando uma arma pequena. Não tinha visto a arma antes, mas não fiquei surpreso. Não fiquei nada surpreso.

— Pegue — ela disse, entregando a arma para mim.

— Não quero. Guarde isso — eu disse. — Vamos, vamos voltar lá para dentro. Estou com frio...

— Pegue e ajude a Deus — ela disse, pressionando a arma na minha mão. — Atire em mim. É o único jeito de me salvar deste sofrimento.

“Ela está certa”, disse comigo. “É o único jeito de salvá-la desse sofrimento.” Quando eu era criança passava as férias na fazenda de meu avô em Arkansas. Certo dia estava perto do defumadouro, vendo a minha avó fazer sabão numa grande panela de ferro, quando meu avô atravessou o jardim, muito agitado. “A Nellie quebrou a perna”, meu avô disse. Minha avó e eu subimos a escada para o jardim onde meu avô estava arando. A Nellie estava no chão gemendo, ainda presa ao arado. Ficamos ali olhando para ela, só olhando para ela. Meu avô voltou com a arma que tinha usado em Chickamauga Ridge. “Elapitou num buraco”, ele disse acariciando a cabeça de Nellie. Minha avó me virou para o outro lado. Comecei a chorar. Ouvi um tiro. Ainda escuto esse tiro. Corri até ela, me joguei no chão, abraçando o pescoço dela. Eu amava aquela égua. Eu odiei meu avô. Me levantei e fui até ele, bati nas pernas dele com meus punhos... Mais tarde, naquele dia, ele me explicou que também amava Nellie, mas que teve de

atirar nela. “Era a coisa mais bondosa a fazer”, ele disse. “Ela não ia ficar boa. Era o único jeito de salvá-la do sofrimento...”

Eu estava com a arma na mão.

— Tudo bem — eu disse a Glória. — Diga quando.

— Estou pronta.

— Onde?

— Aqui mesmo. Do lado da cabeça.

O píer pulou quando uma onda grande se quebrou.

— Agora?

— Agora.

Atirei nela.

O píer se mexeu de novo e a água fez um barulho de engolir algo quando voltou para o oceano.

Joguei a arma no mar.

Um policial estava sentado atrás comigo enquanto o outro dirigia. Estávamos indo bem depressa e a sirene tocava. Era o mesmo tipo de sirene que usaram na maratona de dança quando queriam nos acordar.

— Por que você a matou? — perguntou o policial no banco de trás.

— Ela me pediu — eu disse.

— Escutou isso, Ben?

— Que filho-da-puta mais prestativo! — disse Ben, por cima do ombro.

— É seu único motivo? — perguntou o policial do banco de trás.

— Mas não se matam cavalos? — eu disse.

**...e que Deus tenha piedade de sua
alma...**

Coleção **L&PM** Pocket, vol. 599

1ª edição na Coleção **L&PM** POCKET: maio de 2007

Título original: *They Shoot Horses, Don't They?*

Tradução: Irene Hirsch

Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre ilustração de Edgar Vasques

Revisão: Bianca Pasqualini e Jó Saldanha

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M117m McCoy, Horace, 1897-1955
Mas não se matam cavalos? / Horace McCoy ; tradução
de Irene Hirsch. – Porto Alegre, RS : L&PM, 2007.
132p. – (L&PM pocket ; v.599)

Tradução de: *They shoot horses, don't they!*

Apêndice

ISBN 978-85-254-1646-9

I. Ficção americana. I. Hirsch, Irene, 1954-. II. Título.
III. Série.

07-1503.

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

© Horace McCoy, 1945

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores
PORTO ALEGRE: Rua Comendador Coruja 314, loja 9 - 90.220-180
Floresta - RS / Fone: 51.3225.5777

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Impresso no Brasil
Outono de 2007

Uma pungente novela sobre o desespero

A depressão econômica da década de 1930 nos Estados Unidos fez as pessoas tomarem medidas drásticas para sobreviver. Popularizaram-se no país as maratonas de dança – competições públicas em que casais dançavam por dias a fio, desafiando os limites dos seus corpos diante de uma platéia animada, na tentativa de ser a última dupla remanescente. Em um período de fome e desespero, parecia uma maneira simples de ganhar um dinheirinho. Mas tais concursos escondiam uma agressividade e uma violência social usualmente não associadas aos salões de dança.

Em *Mas não se matam cavalos?* (1935), Horace McCoy (1897-1955) apresenta Robert Syverten e Gloria Beatty, duas pessoas sem perspectiva alguma, que decidem participar de uma maratona de dança achando que, assim, granjearão alguma oportunidade de trabalho em Hollywood. Quando de sua publicação, a novela foi considerada experimental devido à maneira como é utilizado o recurso de *flashback*. Em 1969, o filme foi adaptado para o cinema por Sydney Pollack, com Jane Fonda no papel de Gloria. Tanto o livro quanto o filme chocaram o público ao mostrar o mundo como um lugar em que aqueles sem dinheiro ou *status* social lutam como podem pela sobrevivência – tendo à frente apenas a certeza da morte.

Um livro pungente, impossível de largar.

L&PM POCKET

A maior coleção de livros de bolso do Brasil

TEXTO INTEGRAL

Procure nas últimas páginas
deste livro os lançamentos
da Coleção L&PM Pocket

ISBN 978-85-254-1646-9



9 788525 416469